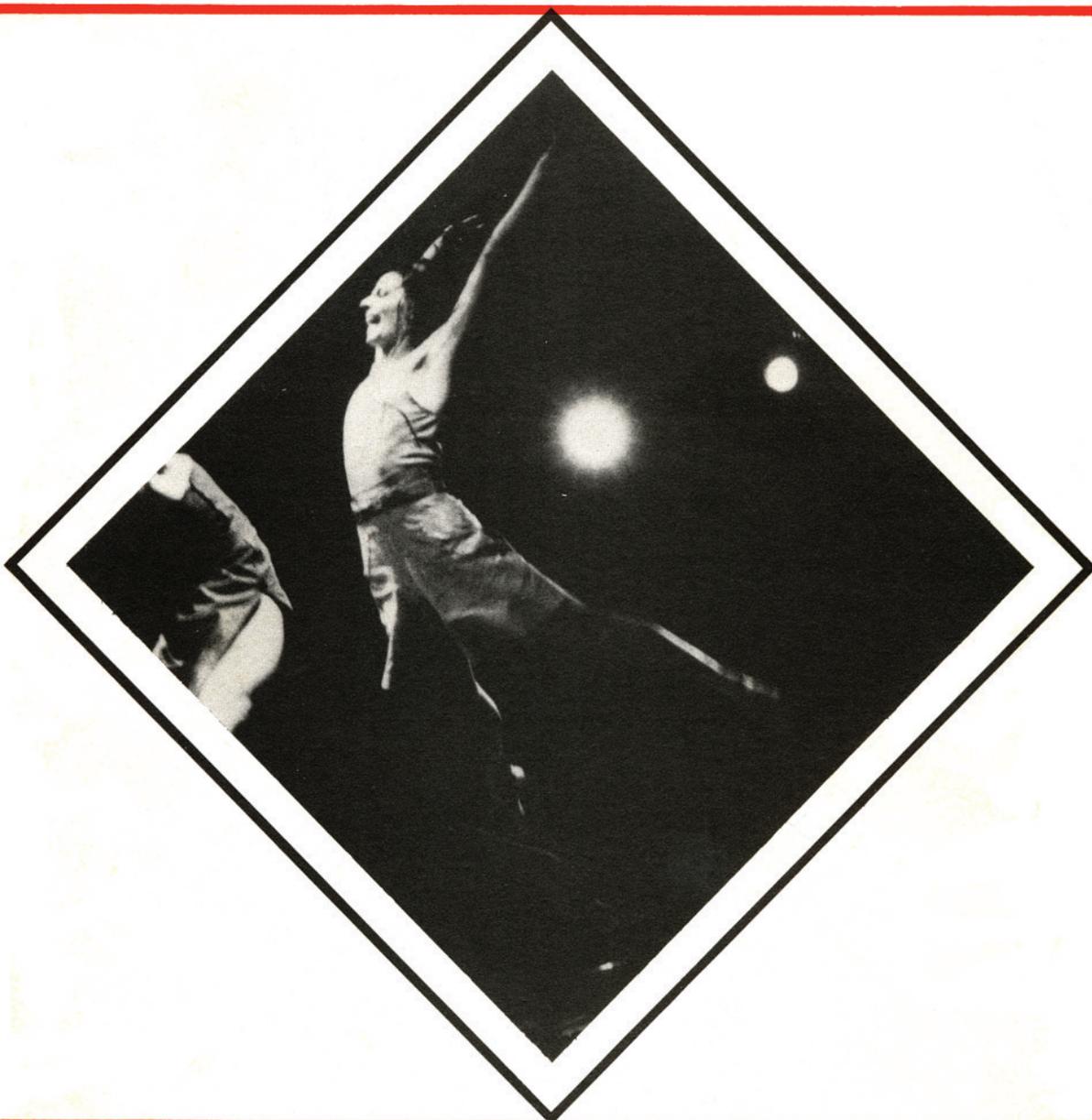


MEMÓRIA ATIVA I

COLEÇÃO DO CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

# BOLERO

BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO



Prefeitura do Município de São Paulo  
ADMINISTRAÇÃO ANTÔNIO SALIM CURIATI

Secretaria Municipal de Cultura  
SECRETÁRIO MÁRIO CHAMIE

---

*Capa / Leila Sanches*

*Três fases marcam a história do Balé da Cidade de São Paulo.*

*A fase inicial corresponde ao período da sua fundação. Criado em 1968, com o nome Corpo de Baile Municipal, surgiu como um grupo de características mais tradicionais. Comportava, em sua organização nascente, primeiro, segundo e terceiro bailarinos. Sua direção obedecia a esquemas clássicos e todo seu repertório se compunha de coreografias já consagradas, sem abertura maior à inovação. É o tempo de Sylphides e O Lago dos Cisnes.*

*Essa fase vai até 1974. Apontam, nesse período, os nomes de Johnny Franklin, Marília Franco e Lia Marques.*

*A partir de 1974, o Corpo de Baile atinge nova etapa. A estrutura anterior é substituída por processos de trabalho mais modernos, tanto do ponto de vista da produção e montagem de coreografias quanto da formação de elencos, já libertos de uma hierarquia acadêmica. Coreógrafos brasileiros e estrangeiros são convidados a apresentarem projetos e propostas de criação, com uma acentuada linha voltada para assuntos e motivos nacionais. Essa época, que se estende até 1979/80, se caracterizou por produções e montagens que fizeram do Corpo de Baile uma companhia mais atuante junto a um público novo interessado em dança. Marcam esse período trabalhos de Oscar Araiz, Víctor Navarro e Antonio Carlos Cardoso, seu diretor artístico.*

*De 1980 a 1981, o Corpo de Baile entra em sua nova fase verdadeiramente contemporânea, adquirindo maturidade em sua organização, composição, recursos técnicos, diversificação de linguagens e experiências criativas.*

*Se até 1980, o então Corpo de Baile não dispunha de cargos diretivos instituídos e nem da composição de equipes técnicas e criativas, tudo isso foi superado pela ampla reformulação de seus quadros, promovida pela Lei 9.168, de 4 de dezembro de 1980.*

*Graças a essa lei, o Balé da Cidade de São Paulo se consolidou como uma verdadeira companhia profissional. Dispõe hoje de Diretor Artístico, Assistente de Direção, Coreógrafo Titular, Coreógrafo Assistente e de grupos profissional, pré-profissional e experimental. A lei prevê um máximo de até 75 bailarinos e a sua capacidade produtiva e criadora está amplamente redimensionada. Integram a companhia, professores de dança e pessoal qualificado da mais alta categoria. O Balé da Cidade de São Paulo atualizou seu método de trabalho, abrindo-se a pesquisas e experiências que configuram a sua viva contemporaneidade. Nesse período, destacam-se os nomes de Klauss Vianna e Ruth Rachou, a testa do Balé.*

*O primeiro resultado consagrador dessa fase atual é o espetáculo de dança Bolero, criação, direção geral e cenografia de Emilie Chamie, coreografia de Lia Robatto. Esse espetáculo reúne os diferentes grupos integrantes do Balé e promove adaptações inventivas, segundo os espaços e locais de suas apresentações. A consagração de crítica e de público recebida por Bolero confere-lhe o título histórico de marco divisor na trajetória do Balé da Cidade, representando um novo horizonte para as concepções futuras da companhia.*

*A abertura da coleção Memória Ativa, do Centro Cultural São Paulo, com este volume dedicado a Bolero, tem, assim, duplo sentido: documenta um momento inovador da dança brasileira e registra, para a pesquisa futura, uma valiosa fonte cultural de nossa cidade.*

**MÁRIO CHAMIE**  
Secretário Municipal

---

S241b São Paulo (município) Centro Cultural São Paulo.  
Divisão de Pesquisas.

Bolero – Balé da Cidade de São Paulo. Coordenação de Lineu Dias / São Paulo:  
Secretaria Municipal de Cultura, Centro Cultural São Paulo. Divisão de Pesquisas, 1983  
(Memória Ativa, 1)

1. Espetáculo de Dança 2. Balé da Cidade de São Paulo I. Dias, Lineu, coord.  
II. Título III. Série

---

# BOLERO

BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO

## SUMÁRIO

---

PROJETO BÁSICO/RESUMO – EMILIE CHAMIE 9

SOBRE O BOLERO 10

VÁRIAS MONTAGENS 11

BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO NO C.C.S.P 15

GRUPO PERCUSSÃO AGORA 16

PARA O MEU GRUPO / KLAUSS VIANNA 19

LIA ROBATTO 21

BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO NO C.C.S.P/  
FICHA TÉCNICA 25

BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO NO TEATRO MUNICIPAL /  
FICHA TÉCNICA 27

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO 29

NOTÍCIAS DO RIO DE JANEIRO 47



*Carlos Alberto Cidra. Apresentação de Bolero no Teatro de Arena, Centro Cultural São Paulo*

1. O espetáculo *Bolero* foi pensado e criado, originalmente, para o Centro Cultural São Paulo, em função de dois espaços: o *Foyer* e o Teatro de Arena.
2. A concepção, destinada ao Balé da Cidade de São Paulo, contará com um número determinado de bailarinos, dividido em dois grupos. O primeiro grupo interpretando o *Bolero* do folclore espanhol e a versão de Ravel. O segundo grupo interpretará a versão em percussão de Trythall.
3. O primeiro conjunto de bailarinos será integrado pelo Grupo Experimental, criado ou a ser criado pelo Balé da Cidade de São Paulo. O segundo, pelos integrantes da companhia.
4. O espaço do Centro Cultural São Paulo é ativo e ativador. No *Foyer*, o primeiro grupo comporá uma exposição de painéis e *slides* que narram, em alguma medida, as diferentes *performances de Bolero*, ao longo do tempo. Essa exposição conterà citações de outras coreografias realizadas a respeito do tema, não assumindo a minha concepção caráter obrigatório de antologia.
5. Pelas características do *Foyer* e da exposição, bailarinos e público se misturarão e trocarão energias em seu movimento e contato direto.
6. O espaço do Centro permite música ambiente e os elementos cênicos abrangerão dados de referência das diversas versões de *Bolero*, desde a evocação de castanholas, até a plasticidade da dança popular ibérica.
7. As concepções musicais de Trythall e Ravel se superporão numa técnica de montagem que caracterizará o andamento da coreografia.
8. Torna-se necessária a presença do Grupo Percussão Agora, que tem executado, com perfeição, o *Bolero* de Trythall. Na minha concepção, o Grupo Percussão Agora deverá integrar ao vivo a coreografia do espetáculo.
9. Vindo da versão folclórica espanhola até a versão contemporânea de Trythall, a coreografia de *Bolero* absorverá formas primitivas de expressão gestual como também formas ultra-contemporâneas, ligadas a recursos tecnológicos e eletrônicos. Totem e tecnologia se unem.
10. Levado o *Bolero* para o Teatro Municipal, tornar-se-á necessário uma adaptação criativa. Para tanto, dissolveremos os limites entre platéia e palco, transformando em espetáculo único visual, corredores, frisas e proscênio. Se no Centro Cultural há de se estabelecer um quase corpo-a-corpo estimulante entre bailarino e espectador, no Municipal o espectador deverá se ver envolvido de maneira multilateral e estimulante ainda que fixo em seu próprio lugar.
11. Todos os pormenores de marcação, rubrica, roteiro, anotações e organização conceitual do espetáculo serão estudados e aplicados como subsídios básicos à coreografia a ser elaborada. Esta coreografia deverá traduzir, com fidelidade, a concepção geral do espetáculo.
12. Na execução do projeto e mediante a direção sob minha responsabilidade, a unidade do espetáculo deverá ser obtida segundo os princípios que o fundamentam.

Maurice Ravel (1875 -1937) disse numa carta a respeito do seu *Bolero*. "Gostaria que não houvesse nenhum mal-entendido sobre esta peça. Ela constitui uma experiência num sentido muito especial e limitado e não se deve supor que esta peça aspire atingir algo mais do que realmente é. Antes de sua primeira apresentação, avisei que o efeito do que eu havia composto era uma peça de 17 minutos de duração que consiste inteiramente de tessitura orquestral sem música - um longo e gradual crescendo. Não há contrastes e, praticamente, nenhuma invenção, a não ser o plano e a maneira de executar os temas são completamente impessoais ... melodias folclóricas do tipo espanhol-árabe e (embora possa ter sido dito o contrário) a escrita orquestral e simples do começo ao fim, sem a mais leve tentativa de virtuosidade ... Realizei exatamente o que pretendia, restando para os ouvintes aceitá-lo ou deixá-lo".

Para Ravel, o *Bolero* era uma de suas obras menos importantes. *C'est une blague*, dizia ele, uma aposta (*une gageure*) consigo próprio para ver se conseguia fazer uma grande composição orquestral a partir de uma simples frase. De maneira caracteristicamente modesta, ele eximiu-se de todo o crédito por sua extraordinária realização: "Uma vez descoberta a idéia de utilizar apenas um tema, qualquer estudante de Conservatório poderia ter feito o mesmo ..."

O tema do *Bolero* é uma frase de 16 compassos em Do maior que depois é reduzida a uma variante com jeito de tonalidade menor. Faz alternar as duas frases, mais ou menos regularmente, durante uns 15 minutos sobre um ritmo imperturbável e um baixo imutável, que afirma a tonalidade de Do maior ate a 19ª entrada do tema, que bruscamente modula para Mi maior antes de concluir no tom principal. A variação provém dos timbres, da forma de orquestração.

Richard Trythall, compositor norte-americano contemporâneo, tomou a célula rítmica do *Bolero* de Ravel (que é a mesma do bolero espanhol tradicional) e a manteve como um baixo *ostinato* o tempo todo. Levou somente até certo ponto a idéia do crescendo e, depois, como que recomeça a composição. Na peça de Trythall não há melodia, pois trata-se apenas de uma obra para percussão. A primeira versão do *Bolero* de Trythall e de 1978 e foi pensada para trio, sob encomenda do *Black Percussion Trio*, dos EUA, que não chegou a executá-la. Trythall fez uma nova versão em 7 de abril de 1979 para o quarteto *Percussão Agora*. Sua primeira audição foi no Brasil, nesse mesmo ano. Nos EUA e na Europa, a peça foi estreada em 1981. Trythall sempre imaginou-a como obra para ser dançada. Sua instrumentação é a seguinte: 5 pandeiros, 3 blocos de madeira, 2 bumbos, bongos, tom-tom e sino. Utiliza mais instrumentos de pele do que de madeira, o que possibilita um destaque maior ao ritmo.

# BOLERO

O *Bolero* de Ravel, composição hoje tão difundida e apreciada, nasceu de maneira quase fortuita. A bailarina Ida Rubinstein pediu a Maurice Ravel que orquestrasse peças da suíte *Ibéria*, de Albeniz, para um balé de sabor espanhol que estava pretendendo montar. Ao começar o trabalho, Ravel descobriu que os direitos de orquestração das obras de Albeniz já haviam sido concedidos a outro músico. Decidiu então compor uma peça original para o bailado de Mme. Rubinstein. "Será mais fácil", teria dito, "do que orquestrar composições alheias". Partindo dos compassos iniciais do bolero espanhol tradicional, ele desenvolveu, segundo suas próprias palavras, "uma peça de 17 minutos de duração que consiste inteiramente de tessitura orquestral sem música - um longo e gradual crescendo".

O bolero tradicional é uma dança lenta, em três tempos, que teria surgido na Espanha, em fins do século XVIII, como uma variante do fandango. Em seqüência a marcação rítmica inicial, os bailarinos acompanham-se com voz e castanholas, além do acompanhamento instrumental de violões e pandeiros. A dança é geralmente feita em pares, com a preponderância da figura masculina. Na obra de Ravel, as batidas do ritmo iniciam-se muito suavemente e prosseguem através de toda a peça com uma insistência monótona, dentro de um crescendo muito gradua. O tema surge primeiro nas flautas, passa às clarinetas, aos fagotes, pistões, saxofones, trombones e outros sopros, cada grupo de instrumentos desenvolvendo por sua vez a envolvente melodia. As cordas tocam um acompanhamento em *pizzicato*, reforçando a batida implacável da percussão e, gradualmente, a orquestra inteira vai crescendo até o final esmagador de ritmo e som.

Quando Sergei Diaghilev estava preparando sua primeira temporada de balé a ser apresentada em Paris, não havia jeito de se encontrar intérprete para o papel-título do balé *Cléopâtre*. Michel Fokine, seu coreógrafo, sugeriu uma de suas alunas particulares, uma bailarina amadora de grande beleza, Ida Rubinstein. Começou assim uma das carreiras mais curiosas do mundo da dança. Ida Rubinstein foi com Diaghilev a Paris mas não permaneceu por muito tempo com os Ballets Russes. Dona de grande fortuna e muito bom gosto, formou sua própria companhia, nos moldes da de Diaghilev, recrutando para servi-la gente como Bakst, Benois, Honegger, Ibert, Ravel, Stravinsky, Debussy, Fokine, Massine, Nijinska, Joos, D' Annunzio, Gide, Verharen, Milhaud, Valery, Barsacq e Claudel. Alguns de seus balés ficaram célebre, como *Le Martyre de Saint Sebastien* (1911), em cinco atos, antes uma obra de "teatro total" do que um bailado, pois Ida parece ter obtido mais reconhecimento como atriz do que como bailarina, embora seu nome esteja ligado à história da dança.

O cenário de Alexandre Benois representava uma taverna da Andaluzia com uma enorme mesa ao centro, sobre a qual pendia uma lâmpada. No lusco-fusco circundante, corpos em várias posições de descanso ou atenção. A coreografia de Bronislava Nijinska (a irmã de Vaslav Nijinski) colocava Ida em cima da mesa, fazendo meneios lânguidos que iam crescendo em rapidez e energia conforme a

música. Um homem aproximava-se, depois outro, e outro, e outro, olhando fascinados a bailarina. A excitação deles aumentava à medida em que os movimentos da jovem iam ficando mais animados. Um a um, começavam a participar, a tensão rompia-se, facas reluzentes eram desembainhadas, a selvageria, a rixa, a morte pairavam no ar, tudo resolvendo-se num grande clímax de cor e ritmo. O Bolero estreou em 22 de novembro de 1928, no Teatro da Ópera de Paris - data e local que marcam a sua primeira apresentação, sob a regência do próprio compositor.

Embora entusiasticamente aplaudido como balé, o êxito do *Bolero* foi ainda maior nas salas de concertos, onde o tempo de sua execução varia conforme o regente, geralmente para menos do que Ravel queria, a fim de reforçar mais ainda o impacto da música. Ao criar sua peça, que para ele era *une gageure* (uma aposta), Ravel achava que ela nunca seria tocada nos "grandes concertos dominicais". Mas o tempo confirmou-a como um "clássico popular". O público costuma gostar dessas apostas que, aliadas ao sugestivo clima e aos delicados requintes de orquestração, fazem do Bolero uma composição extremamente envolvente, quase irresistível. De todas as obras de Ravel, foi a que o tornou mais conhecido.

Num apogeu de triunfo, Hollywood, cujo endosso era a última palavra em matéria de popularidade, utilizou o *Bolero* como base para um filme. Julgando tratar-se de uma ópera, a companhia cinematográfica pagou a Ravel uma soma fabulosa pelos direitos; depois, ao descobrir que tratava-se apenas de uma composição musical, terminou usando só o título e a música como uma espécie de fundo.

O filme, *Bolero*, produção de 1934 da Paramount Pictures, dirigida por Wesley Ruggles, tinha George Raft e Carole Lombard nos papéis principais.

A lista de coreografias do *Bolero* de Ravel desde sua estréia em 1928 é extensa e variada. Primeiro, Mme. Nijinska incluiu-a no repertório da companhia que formou em 1932, dessa vez com cenário e figurinos de Natalia Goncharova. Essa mesma versão, Nijinska remontou para a Companhia do Marquês de Cuevas, em 1954, com Marjorie Tallchief no papel principal. Em 1934, Harald Lander montou sua versão para o Ballet Real da Dinamarca, do qual era então o diretor artístico. Sua coreografia volta a idéia da figura feminina num plano elevado, mas dentro das linhas cubistas da cenografia, despreza qualquer idéia de centralização, preferindo enfatizar a ação através de linhas diagonais que contrastam fortemente com as movimentadas volutas do céu do palco.

Em 1941, durante a Ocupação da França, Serge Lifar, o bailarino russo que saiu da trupe de Diaghilev para chefiar o Ballet da Ópera de Paris, montou sua versão, procurando aproveitar uma idéia inicial de Ravel de colocar a peça num ambiente urbano, relacionando toureiros e operários. A cenografia foi de Leon Leyritz, amigo pessoal do compositor, mas certos críticos acharam que a estrutura dividida entre três personagens principais nada tinha a ver com a música. Outros reclamaram contra um *taconeo* de brutal insistência que não cessava um instante durante a representação.

Uma das versões mais interessantes foi a que Aurélio Milloss coreografou para o Teatro da Ópera de Roma, em 1944, que acentuava o aspecto de feitiçaria da vida cigana, colocando um demônio como *deus ex-machina* de uma história de perdição que envolvia vários grupos de homens e mulheres. Da mesma forma que Lifar, Milloss abandonou a idéia da mesa como ponto focal da composição coreográfica, mas, ao contrário de Lifar, não renunciou a uma montagem de efeito cumulativo, seguindo o plano orquestral da composição. Dez anos depois, em 1954, Milloss remontou essa coreografia em São Paulo, para o Ballet IV Centenário, tendo Djalma Brasil no papel do Demônio e Lia Dell' Ara no da Endemoniada. O cenário de Oswald de Andrade Filho representava o interior de uma caverna, com pianos ascendentes onde se produzia o efeito cumulativo da entrada dos casais, repetindo, em tempos diferentes, os esquemas de movimentos a que Milloss chamava de "alucinação coreográfica". O balé teve enorme êxito e constituiu um dos pontos altos daquela companhia paulista.

Em 1960, Maurice Bejart voltou à mesa em sua montagem para o Ballet do Século Vinte, mas num clima de total despojamento e economia de movimentos. A bailarina Duska Sifnos ficava no centro da mesa que, por sua vez ocupava o centro do palco. Os movimentos da bailarina eram quase todos dentro do eixo de seu corpo e somente para o final da peça ela chegava a deslocar-se no espaço. Em compensação, o grande número de homens que, sentados em círculo ao redor da mesa, a contemplavam com avidez, movia-se muito, tanto no eixo da bailarina como ao redor da grande mesa. Em certo momento, próximo ao final, criava-se um clima ameaçador, em que sexo e destruição ficavam quase identificados. Essa identificação parecia predominar no grande final, quando todos desabavam sobre o corpo da bailarina. A versão de Bejart, de grande impacto, foi remanejada duas vezes, primeiro colocando um homem no centro da mesa, cercado por mulheres e, finalmente, em 1980, colocando o mesmo homem cercado por homens.

O *Bolero* teve ainda muitas versões. Foi a peça básica do repertório da bailarina alemã Dore Hoyer nas suas apresentações pela América do Sul. Anton Dolin fez dele um solo muito elaborado. A companhia de Pilar Lopez montou-o em 1943, numa versão em pontas, e a que Lavrovsky coreografou para o Bolshoi, em 1964, tinha mais *panache* e espanholismos do que a de qualquer companhia espanhola. Em 1970, o bailarino e coreógrafo Hugo Travers, que hoje trabalha em São Paulo, montou sua coreografia do Bolero em Teerã, tendo a bailarina Clara Avenasian no papel principal.

Nesta versão mais recente, a do Bale da Cidade de São Paulo, em espetáculo concebido por Emilie Chamie e coreografado por Lia Robatto, o compositor Richard Trythall fez com Ravel o que este havia feito antes com o bolero tradicional, isto é, partindo do mesmo esquema rítmico inicial, lança-se a uma exploração de suas possibilidades percussivas, abandonando a idéia da obstinação e do crescendo e encerrando assim, de certa forma, todo um ciclo.



*Mariana Muniz / Daniela Stasi / Susana Yamauchi / Ismael Ivo. Componentes do Grupo Experimental do Balé da Cidade de São Paulo. Bolero, Teatro Municipal.*



*Cecília Teivellis / Ismael Ivo / José Carlos Nunes / Eduardo Costilles. Momento da apresentação de Bolero, no foyer do Centro Cultural. Envolvimento direto de espectadores com bailarinos, exposição de fotos e projeção de slides.*

*Toni Callado / Mônica Mion / Raimundo Costa / Simone Ferro. Bolero, Teatro de Arena. Momento da coreografia com música de Trythall.*





O conjunto *Percussão Agora* nasceu do encontro de quatro percussionistas da Orquestra Sinfônica Estadual: Mario David Frungillo, Elizabeth Del Grande, José Carlos Silva e John Boudler. Com exceção deste último, americano formado em Boston e Nova York, os três outros começaram seus estudos em instituições brasileiras, respectivamente o Conservatório Musical de São Paulo, a Escola Municipal de Música e a Fundação das Artes de São Caetano do Sul... O grupo existe desde 1978 e sua atividade tem sido intensa. Vale sobretudo ressaltar estas estatísticas: 15 primeiras audições mundiais de obras nacionais, 4 primeiras audições mundiais de obras estrangeiras e 25 primeiras audições no Brasil, o que o torna responsável por um significativo repertório de obras contemporâneas de estilos os mais variados possíveis, dedicado a realização de um ideal - a difusão da música feita basicamente para instrumentos de percussão e de canto.



Posto que vocês tiveram o atrevimento e a loucura de me aceitar nesta "engravatada" posição de "Diretor", anuncio que revidarei com um bilhete.

Peço, pois, permissão para, literalmente fundir um pouco mais a cuca de vocês. Este é o primeiro trabalho em que vocês participam ativamente do processo criativo. Lia e Emilie caíram do céu nesta fase de nossa estruturação. Assistindo aos ensaios, onde pela primeira vez vocês improvisavam livremente, eu me perguntava: A quem será que elas estão se dirigindo agora? À Júlias, Mônicas, Marcos, Paulos, Leilas, ou Bias? Pode ser que seja essa a realidade, mas no fundo dos sonhos, no seio do qual vocês foram forjados, seguramente estarão nas imagináveis transformações pelas quais vocês passam quando assumem o ato de dançar. O machão texano, as Markovas, as Jennifers, as Pinas ... ou e provável até que se dirijam neste momento a verdadeira reencarnação de Olga Probajenska, aquela que deliciou *csares*, pela ponta de seus pés. Quanto disto será verdade, enquanto assisto a dificuldade de se encontrar a ação dramática, pessoal e participante, de cada um que, nesta etapa, busca novos caminhos?

Se eu fosse bruxo, pela graça dos deuses, amaria ter o dom de, num passe de mágica, transformá-los todos em elementos dessa turbulenta valsa da vida. Levaria vocês aos viscerais e profundos caminhos da alma feminina. Faria de vocês, esvoaçantes panos azuis, que acompanhados de pontas e saltos, fizeram com que a gente chegasse a organicidade deste *Bolero*. Mas, por fatalidade, porém, não sou bruxo, mas, justa ou injustamente, sou apenas o encarregado de chamar ao chão aqueles que se atreverem a voar fora dos limites. Sou, lastimavelmente, um homem sem graça nenhuma. Um velho, talvez, diante da atrevida juventude de vocês. Sabem que vida leva um bailarino no Brasil? Em São Paulo por exemplo, marcam ponto às 11 horas da manhã, com a obrigação de desmarcá-lo somente às 6 da tarde. Faz aula de, no mínimo, uma hora e meia a fim de que mantenham a forma física. E, para justificar a forma física, ensaia depois um repertório, às vezes imorredouro que, de tão imorredouro, garanto a vocês, preferia morrer apenas pelo prazer de ser imorredouro. E por favor, não deixem que se extermine o fôlego numa tal arrancada. Você vai ter que guardar energias para freqüentar e pagar outras aulas lá fora. Fugir da realidade, dos corpos caídos nos quais você tropeça, das guerras, das fomes, do caos e do envolvimento político e social, que envolve neste momento toda a Grande São Paulo. E isto sem cair de cansaço ou de tédio.

Por favor, respondam-me com urgência: Que é que deu na cuca de vocês para se tornarem bailarinos? Já sei, coisas de família, falta de poder decidir por si mesmos seus destinos, a televisão e às vezes até mesmo uma decisão coerente. Dançar é viver ... e aí a gente toma gosto, descobre que dançar, seja lá o que for, é tão liberação da gente mesmo ... e a gente sonha ... e a gente dança ... e a gente descobre que tem um corpo, cujas formas são mágicas porque significam coisas incríveis. Vocês são a ousadia. O atrever-se. O pretender. O querer. O transformar-se. É possível que vocês, meus bailarinos, sejam a síntese do possível. Não adianta iludir-se. Do relógio de ponto da repartição, vocês não se livrarão. Mas, dado que estão adquirindo cada vez mais, um pleno poder em torno do próprio corpo, e dispoendo do direito de manifestar-se a favor do ser, do existir, do brincar, e da opção de expandir e desempenhar com alegria seu papel perante uma comunidade tão carente de vida e solidariedade. Vale a pena viver, dançar, brincar, existir. O importante não é que eu me dirija a seres inexistentes e não assumidos. Neste *Bolero* que é síntese final da nossa primeira fase de trabalho, quero agradecer a vocês, a Lia e Emilie inclusive. Dancem com vontade para que se dance. Livrem-se para que os outros se livrem. E, em lugar do sonho de serem orgânicos e viscerais, alimentem o sonho de serem vocês mesmos. Este é o enigma que lhes deixo neste primeiro bilhete. Qual é a vantagem de ser bailarino, quando antes eu me chama Ana Verônica, Bebeto, ou Nelly?

*Sonia Mota*



Coreografar o espetáculo Bolero proposto para o Balé da Cidade de São Paulo por Emilie Chamie, com música de John Cage e Richard Trythall, e executada pelo *Grupo Percussão Agora*, foi ao mesmo tempo um grande estímulo e um grande desafio, pelas implicações estéticas com a música, o espaço cênico, a temática e a formação técnica-interpretativa do elenco.

Um dos elementos mais significativos da dança é o ESPAÇO.

O palco de Arena do Centro Cultural São Paulo, propõe, pela sua arquitetura, um espetáculo de múltiplas perspectivas.

A riqueza e a força da música contemporânea de John Cage e Trythall, com suas intrincadas composições rítmicas, nos levaram a um estudo depurado evitando uma interpretação meramente ilustrativa.

O tema do espetáculo é "o despertar do indivíduo e do grupo através do som e do movimento", o que abrange o universo da dança.

Como a música é toda baseada na composição sinfônica do Bolero de Ravel, achamos oportuno expor no foyer alguns dados e fotos das montagens anteriores de balé do *Bolero* original, a partir da primeira interpretação da dançarina Ida Rubinstein em 1928 para quem foi dedicada a música.

Aproveitamos a criação do *Grupo Experimental do Balé da Cidade de São Paulo* por seu diretor, Klauss Vianna, para ilustrar a exposição executada pela equipe de pesquisa do Centro Cultural. Trata-se de uma dança ambiental explorando o espaço do foyer, com referências e citações coreográficas tradicionais numa interpretação livre, como introdução ao espetáculo.

O tratamento coreográfico das danças executadas pelos dois elencos: o corpo estável do *Balé da Cidade de São Paulo* e o recém criado *Grupo Experimental*, é muito diverso, devido a sua formação técnica-interpretativa e sua função no espetáculo.

A nossa proposta estética do espetáculo é o Bolero de Trythall no final, e a introdução no foyer, citando Ravel, é uma referência histórica.

Quero salientar o processo criativo onde Emilie Chamie trouxe uma proposta aberta, estimulando a contribuição de cada participante da equipe de colaboradores; por exemplo, Murilo Sola desenhou um figurino próprio para cada dançarino, a partir de dados fornecidos por cada um.

Como coreógrafa contei com a interpretação de todo o elenco, incluindo os assistentes do Balé. O solo feminino foi inspirado e composto a partir dos movimentos da dançarina Sonia Mota.

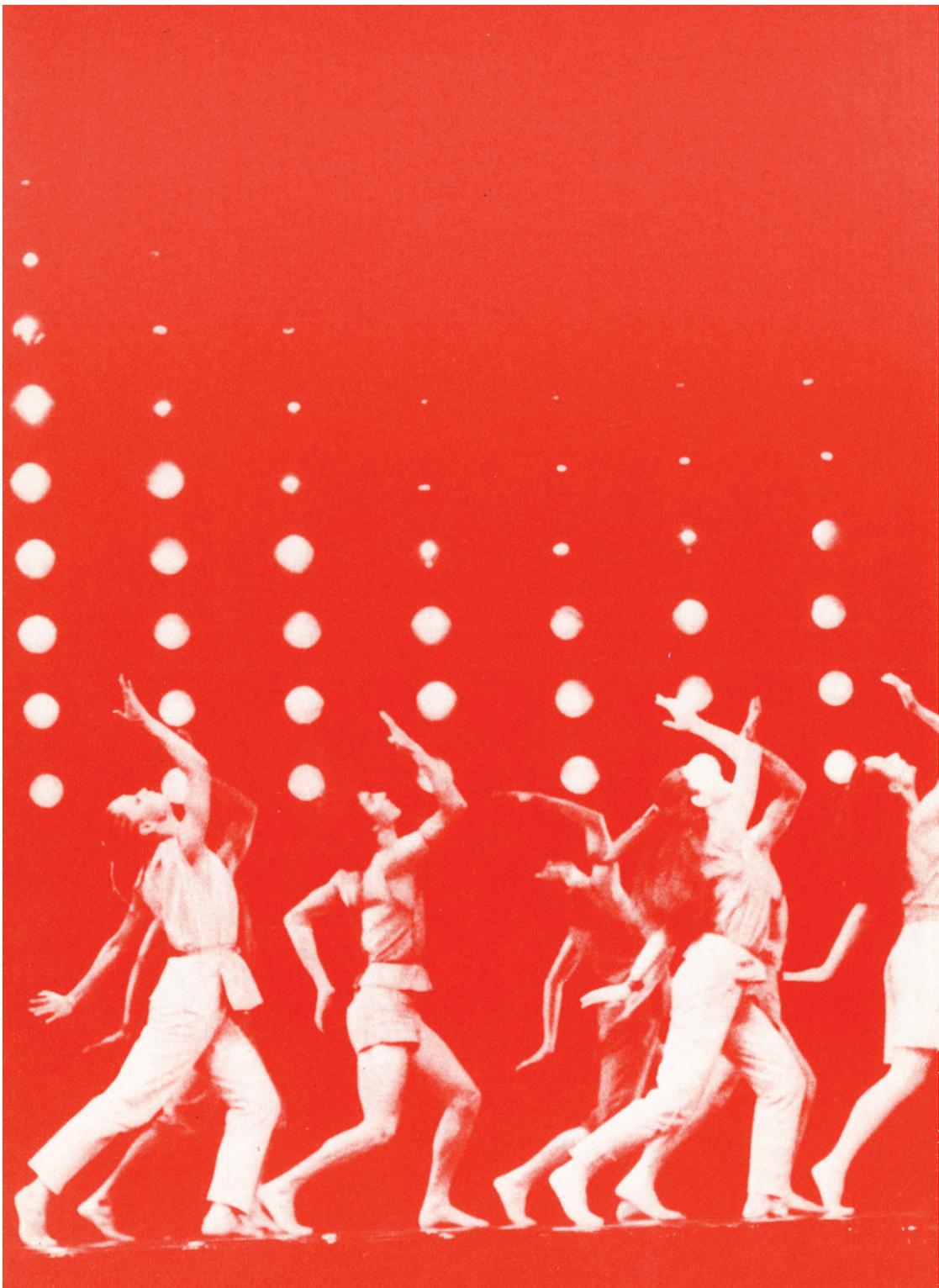
Esse trabalho é muito significativo para mim, por vários motivos: primeiro, como paulista radicada há muitos anos na Bahia, me sinto particularmente emocionada por coreografar pela primeira vez para o ex-Corpo de Baile do Municipal de São Paulo, hoje *Balé da Cidade de São Paulo*, que foi uma forte referência no início de minha carreira.

Segundo, por colaborar numa equipe de artistas, amigos e companheiros que sempre admirei como profissionais. E por último, ter oportunidade de integrar num só trabalho duas linhas estéticas que venho desenvolvendo paralelamente: a dança ambiental de caráter experimental e a dança de palco convencional, coreográfica e tecnicamente elaborada.

*Cecília Teivellis / Sylvia Bittencourt / Maria Dolores / Mariana Muniz. Momento cênico nos camarotes do Teatro Municipal*



*Teatro Municipal. Momento coreográfico e cênico no palco.*



**BOLERO**

**Elenco A e Grupo Experimental**

6ª feira / 27/8/82 / 21 h  
sábado / 28/8/82 / 22:30 h  
domingo / 29/8/82 / 21 h

**Elenco B e Grupo Experimental**

6ª feira / 27/8/82 / 22:30 h  
sábado / 28/8/82 / 21 h  
domingo / 29/8/82 / 22:30 h  
4ª, 5ª e 6ª feira / 1, 2 e 3/9/82 / 21 h  
6ª feira, sábado e domingo / 3, 4 e 5/9/82 / 22:30 h

*Concepção e Direção Geral / Emilie Chamie*

*Coreografia / Lia Robatto*

*(O solo feminino foi inspirado e composto a partir dos movimentos da dançarina Sonia Mota)*

*Assistentes / Hugo Travers, Yara Ludovico, Julia Ziviani, Monica Mion*

*Figurinos / Murilo Sola*

*Música / Maurice Ravel (Bolero) / 1928 / William Schinstine (Scherzo) / 1978 / John Cage (She*

*is Asleep) / 1943 / Richard Trythall (Bolero) / 1979*

*Músicos / Grupo Percussão Agora, Elizabeth Del Grande, John E. Boudler, José Carlos da Silva,*

*Mário D. Frungillo*

*Assistente Musical Junto ao BCSP / João Paulo de Mendonça*

*Iluminação / Iacov Hillel*

*Trilha Sonora / Flávia Calabi*

*Coordenação da Exposição / Valéria de Mendonça*

**BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO**

*Diretor Artístico / Klauss Vianna*

*Assistente de Direção / Ruth Rachou*

*Assistentes de Coreógrafo / Hugo Travers, Yara Ludovico, Monica Mion, Julia Ziviani*

*Professores / Ismael Guiser, Sonia Mota, Hugo Travers, Klauss Vianna e Joana Lopes*

*Programação / Cyra Gomes de Araújo Moreira*

*Pianista / Olga Carrera*

*Iluminador / Antônio Carlos Ribeiro Yamamoto*

*Diretora de Cena / Cleusa Fernandes*

*Massagistas / Álvaro Faro Mendes e Daniel Pires*

*Encarregada do Guarda-Roupa / Maria Cristina Tavares*

*Costureira / Clarinda Rodrigues Alves*

*Sonoplasta / Miguel Derosa*

*Inspetor do BCSP / Deuclides Pereira Fraga Neto*

**ELENCO A**

*Simone Ferro, Julia Ziviani, Lilia Shaw, Beatriz Cardoso, Regina Restelli, Patrícia Galvão, Nelly Guedes, Paula do Valle, Luciana Maluf, Mario Enio Jarry, Alberto Cidra, Sergio Botelho, Marcos Verzani, Tony Callado, Raymundo Costa, Caca da Boa Morte*

**ELENCO B**

*Simone Ferro, Leila Sanches, Monica Mion, Aurea Ferreira, Nádia Luz, Bete Arenque, Ana Luiza Seelaender, Solange Caldeira, Ana Verônica, Franco Moran, Paulo Rodriguez, Sergio Botelho, Marcos Verzani, Tony Callado, Raymundo Costa, Caca da Boa Morte, Sonia Mota*

**ELENCO GRUPO EXPERIMENTAL**

*Ismael Ivo, Daniela Stasi, Mariana Muniz, Fernando Lee, Ciça Teivelis, Vivien Backup, Jose Carlos Nunes, Susana Yamauchi, Eduardo Costilhes, Silvia Bittencourt, Hugo Travers (participação especial)*

*Elizabete Arenque e Solange Caldeira. Teatro de Arena, Centro Cultural*



**BOLERO**

18 / setembro 82/sábado / 21 h (ESTRÉIA)

19 / setembro 82 / domingo / 19 e 21 h

20 / setembro 82 / segunda/ 21 h  
(especial para a classe)

21 / setembro 82 / terça / 21 h

22 / setembro 82 / quarta / 21 h

25 / setembro 82 / sábado/ 19 e 21 h

26 / setembro 82 / domingo /19 e 21 h

Coreografia / Lia Robatto

(O solo feminino foi inspirado e composto a partir dos movimentos da dançarina Sonia Mota)

Assistentes / Hugo Travers, Yara Ludovico, Julia Ziviani e Monica Mion

Figurinos / Murilo Sola

Elemento cênico / Emilie Chamie

Projeto do Analisador de Som em Tempo Real / Conrado Silva

Música / Maurice Ravel (Bolero) 1928/ William Schinstine (Scherzo) 1978 / John Cage (She is Asleep) 1943 / Richard Trythall (Bolero) 1979

Músicos / Grupo Percussão Agora. Elizabeth Del Grande, John E. Boudler, José Carlos da Silva e Mario Frungillo

Assistente Musical Junto ao BCSP / João Paulo de Mendonça

Iluminação / Iacov Hillel

Trilha Sonora / Flávia Calabi

Coordenação da Exposição / Valéria de Mendonça

**BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO**

Diretor Artístico / Klauss Vianna

Assistente de Direção / Ruth Rachou

Assistentes de Coreógrafo / Hugo Travers, Yara Ludovico, Monica Mion e Julia Ziviani

Professores /Ismael Guiser, Sonia Mota, Hugo Travers, Klauss Vianna e Joana Lopes

Programação / Cyra Gomes de Araújo Moreira

Pianista / Olga Carrera

Iluminador / Tanaka

Diretora de Cena / Cleusa Fernandez

Massagistas / Álvaro Faro Mendes e Daniel Pires

Encarregada do Guarda-Roupa / Maria Cristina Tavares

Costureira / Clarinda Rodrigues Alves

Sonoplasta / Miguel Derosa

Inspetor do BCSP / Deoclides Pereira Fraga Neto

Elenco / Simone Ferro, Julia Ziviani, Lilia Shaw, Beatriz Cardoso, Regina Restelli, Patrícia Galvão, Nelly Guedes, Paula do Valle, Luciana Maluf, Mário Ênio Jarry, Alberto Cidra, Sérgio Botelho, Marcos Verzani, Tony Callado, Raymundo Costa, Caca da Boa Morte, Leila Sanches, Monica Mion, Áurea Ferreira, Nadia Luz, Bete Arenque, Ana Luisa Seelaender, Solange Caldeira, Ana Verônica, Franco Moran, Paulo Rodrigues e Antonio de Almeida

Solistas / Simone Ferro e Sonia Mota

**ELENCO GRUPO EXPERIMENTAL**

Ismael Ivo, Daniela Stasi, Mariana Muniz, Fernando Lee, Ciça Teivelis, Vivien Backup, José Carlos Nunes, Susana Yamauchi, Eduardo Costilhes, Silvia Bittencourt, João Mauricio, Mara Borba, Dolores Fernandes, Maria José Crescente, Marina Helou, Ricardo Viviani, Luiz Vasconcelos e Hugo Travers (participação especial)

*Grupo Experimental, Teatro Municipal*



*Sonia Mota. Teatro de Arena, Centro Cultural*



**Bolero**



**Balé da Cidade de São Paulo**  
diretor Klaus Vianna  
coreografia Lia Roberto  
criação, direção geral Emilie Chamie

**Teatro Municipal**

18 19 20 21 22 25 26 setembro 1982

Prefeitura do Município de São Paulo Prefeito Antônio Salim Curiani Secretaria Municipal de Cultura Secretário Mário Chamie

CARTAZ

## Em São Paulo e Salvador, as duas estréias de balé

São duas as estréias de hoje, uma em São Paulo, outra em Salvador. Aqui o Balé da Cidade de São Paulo ocupará por três dias o Centro Cultural São Paulo (estação Vergueiro do Metrô), com o Bolero, a nova obra de seu repertório. Lá o Balé Teatro Castro Alves (BTCA) entra novamente em cena com um programa que reúne duas reapresentações (Ilhas, de Victor Navarro; e Maria Quitéria, numa remontagem de seu autor, Antonio Carlos Cardoso, para os atuais 24 bailarinos do elenco) e uma estréia: Saurê, que traz assinatura do coreógrafo e professor Carlos Moraes.

A companhia oficial de São Paulo estréia hoje o Bolero, nova montagem com direção de Emilie Chamie e coreografia de Lia Robatto. Segundo Klauss Vianna, diretor do Balé da Cidade de São Paulo, "serão mostradas as transformações desta dança até chegar a forma de bolero conhecida por nós. Pela primeira vez, usaremos os dois grupos da companhia atuando juntos". Os dois grupos são os seguintes: o elenco que já existia e mais o Grupo Experimental, recentemente criado dentro do Balé da Cidade, através de concurso que atraiu mais de 200 inscrições. Este Grupo Experimental conta com 9 rapazes e 12 moças e está reunindo a maior parte dos dançarinos que exploravam carreiras free-lancers em dança não-clássica. Entre eles, por exemplo, estão Mara Borba, Julio Vilan, Ismael Ivo, Maze Crescenti, Stephane Dosse, Suzana Yamauchi, Sonia Mota, João Mauricio, Marina Helou, Daniela Stasi, etc ...

Para Ruth Rachou, Klauss Vianna e Chiquinho Medeiros, membros da banca examinadora que selecionou os 21 bailarinos para o Grupo Experimental, "o nível dos que se apresentaram surpreendeu pela qualidade e funciona como indicação de que as academias de dança moderna começaram a formar bailarinos".

"A maior parte desses bailarinos - explica Klauss - não dispunha de uma infra-estrutura sobre a qual pudesse explorar seu próprio talento. A função do Grupo Experimental é justamente fornecer essa condição a eles."

O Bolero apresentará duas partes distintas. A primeira fica com o Grupo Experimental, que explorará as diversas formas pelas quais o bolero foi passando. E na outra dança o elenco antigo. Terminada essa curta temporada no Centro Cultural São Paulo, o Balé da Cidade reapresentará a nova obra no Teatro Municipal ....

Helena Katz

Folha de S. Paulo / 27/8/82

## Uma experiência física com o espectador

O processo de amadurecimento dos intérpretes do Balé da Cidade de São Paulo passou a exigir coreógrafos de sensibilidade que fossem capazes de aproveitar bem o material humano do grupo. Essa exigência foi consequência natural do trabalho de Klauss Vianna, que tem levado os bailarinos a se tornarem diferenciados enquanto intérpretes de dança. As últimas experiências do grupo mostravam distância entre a sua capacidade de realização e as idéias que era obrigado a executar.

Lia Robatto enquanto coreógrafa teve sempre como postura respeitar as características dos grupos com que trabalhava. Quase sempre ligada a grupos experimentais, sua carreira foi marcada por altos e baixos, com alguns trabalhos excepcionais, outros bastante ingênuos. Apesar disso, suas coreografias sempre trouxeram a marca da invenção. Trabalhando com o Balé da Cidade de São Paulo, Lia Robatto se revelou a pessoa ideal para explorar ao máximo a potencialidade expressiva dos intérpretes. Por outro lado, com intérpretes bem treinados, sua coreografia ganhou organicidade e nitidez. Bolero, coreografado por Lia Robatto e dançado pelo Balé da Cidade de São Paulo é um exemplo raro do encontro harmonioso entre um coreógrafo de imaginação e intérpretes perfeitos.

A concepção de Emilie Chamie dividiu o espetáculo em dois momentos. O primeiro acontece no saguão do Centro Cultural São Paulo e tem uma abordagem histórica. Através de fotografias e de uma trilha sonora que tem por base o Bolero de Maurice Ravel, o público toma contacto com as diversas montagens do Bolero através da história.

Nessa primeira parte, os bailarinos usam roupas típicas e alguns movimentos têm relação com o que as fotografias mostram. Como informação histórica a exposição cumpre sua finalidade. O que é questionável é a dança que se desenvolve ao redor da exposição.

Como proposta de dança ambiental essa primeira parte da apresentação não se realiza porque os painéis da exposição congelam a dança numa relação palco-platéia das mais tradicionais. O uso do espaço como elemento fundamental desaparece na medida em que os dançarinos se transformam em quadros vivos em frente aos painéis. Como suplemento a exposição, a dança é dispensável porque é de visão problemática e nada acrescenta aos dados já conhecidos.

Ao passar para o teatro de arena, o espetáculo ganha uma dimensão diferente. Mestra no uso do espaço, Lia Robatto tira proveito das possibilidades que a arquitetura do local oferece.

*Entrando em cena por lugares inesperados, os dançarinos criam no palco um universo de relações humanas. Cada intérprete traz uma personalidade, um sentimento ou uma emoção claramente estampados.*

*Ao usar a percussão como estímulo, Lia Robatto mantém sempre viva a relação entre som e movimento. As relações iniciais ora se aprofundam ora dão lugar ao simples jogo de movimentos. A partir da formação em círculo, começa a existir uma troca emocional mais intensa entre os dançarinos, e quando alguns deles pulam para o meio da roda, parecem impulsionados por uma necessidade vital muito forte de se colocar em movimento.*

*A energia nunca cessa de crescer até explodir em intensidade no solo final de Simone Ferro.*

*De um modo muito inteligente Lia Robatto não introduz gestos inúteis nesse trecho final. A percussão aumenta o volume sonoro, mas os movimentos são sempre econômicos, apenas os necessários. O que vai crescendo é a carga emocional da intérprete central, que parece querer expandir-se além dos limites físicos do próprio corpo. A troca deixa de acontecer apenas entre os bailarinos e passa a englobar o público. Simone Ferro, num trabalho excepcional, funciona como um pólo magnético emissor e receptor de ondas que atingem a platéia com impacto.*

*Muito tempo depois de terminado o espetáculo ainda é possível sentir no corpo as vibrações da percussão e a emoção comunicada pelos intérpretes. Acima de tudo, Bolero é uma experiência física para o espectador, uma troca intensa entre intérpretes e público.*

Acacio R. Vallim Jr.  
O Estado de S Paulo / 1/9/82

## **Bolero, uma criativa transfusão de adrenalina**

*Aqueles que ainda não conhecem o novo Centro Cultural da rua Vergueiro terá um pretexto excelente pra suprir esta lacuna neste final de semana, quando o espaço estará sendo ocupado por Bolero, a mais recente criação do Balé da Cidade de São Paulo. Idealizado por Emilie Chamie e coreografado por Lia Robatto, o espetáculo responde pelos mais explosivos aplausos que vi nessa principal companhia de dança receber este ano. Com Bolero, a contagem de glóbulos vermelhos dos bailarinos subiu a níveis excitantes, talvez pelo prazer de realizar coisas novas pela primeira vez. A forma como foi estruturado não é convencional. A princípio, o público é admitido a um salão com paredes envidraçadas, tendo, de um lado, um palco e, de outro seis painéis com fotografias de coreografias já feitas sobre o Bolero de Ravel. Como música ambiental, autênticos boleros de ciganos espanhóis. Quando as luzes se apagam, pode-se ver a lua por trás do teto, também transparente.*

*Um grupo de 10 bailarinos (do recém-criado Grupo Experimental do Balé da Cidade) percorre o salão, pausando diante de cada painel para uma pequena dança - ao som, agora, do Bolero de Ravel. Vestidos à espanhola, os intérpretes buscam evocar um clima, com base em posturas típicas do flamenco. No final da trajetória do grupo, vemos que um bailarino ficou postado diante de cada painel, e que os quatro restantes subiram ao palco. A proximidade dos bailarinos com o público é amistosa e a dança prossegue, interrompida, de tempos em tempos, por algo que parece ser uma versão elementar da música de Ravel, executada apenas por instrumentos de percussão. Nestes momentos, slides de dançarinos em ação são projetados sobre os painéis.*

*Assim transcorre o prólogo do espetáculo. Sua percepção pelo público, na verdade, é parcial, em virtude do aglomerado das pessoas que ora sentam, ora ficam em pé. Esta razão, talvez, explique a coreografia episódica, que visa somente estabelecer uma cor tonal. O efeito, porém, fica diluído entre a incapacidade da maioria dos intérpretes de traduzir o que seria a essência do flamenco.*

*Vemos bailarinos vagos, rígidos ou excessivamente agressivos; vemos Ismael Ivo e sua super dramaticidade monolítica. Apenas Susana Yamauchi (reconhecível por suas feições orientais e costas bem torneadas) faz lembrar que o flamenco é uma forma estilizada e exaltada de ser, própria de um povo dotado de forte sensualidade.*

*No término do prólogo o elenco se reúne em torno ao palco (um dançarino sobe ao centro)*

para os compassos finais do Bolero de Ravel. A disposição é a mesma criada por Nijinska em 1928, e popularizada por Béjart em sua versão do Bolero. A imagem retém sua força original, embora pareça debilitada pela atuação do bailarino central: seu traje sugere um pirata canastrão e suas piruetas expansivas violam o ritmo obstinado de Ravel. Devidamente sensibilizada pela música, a platéia está preparada para a experiência que vai se seguir. Primeiro, terá que se transferir para um teatro de arena contíguo, cuja arquitetura reforça o magnetismo do palco e propicia um elo de ligação entre os espectadores. O clima no ar é o de uma saudável comunhão. Instrumentos de percussão convocam 16 bailarinos (integrantes do corpo principal do Balé da Cidade e a música de Richard Trythall passa a injetar doses constantes de energia nos intérpretes. Dentro de uma formação triangular, o elenco inicia seus movimentos. Os vértices do triângulo invertem-se; pequenos grupos formam-se e dissolvem-se. Gradualmente, uma força mágica começa a se corporificar, infiltrando-se por entre os bailarinos até transbordar para além do palco. Lia Robato idealizou uma coreografia totalmente abstrata e não conotativa; no entanto, pelo simples fato de nos remeter a vida de forma tão direta, a dança passa a acumular uma dramaticidade que sustenta, impulsiona o espetáculo. Após dançarem em círculo, os bailarinos sentam-se ao chão. Julia Ziviani e Lilia Shaw lançam-se ao centro para celebrar sua vitalidade em um eletrizante dueto; depois, é a vez de Alberto Cidra rasgar o espaço com seus grandes saltos. Bolero parece ter chegado ao seu ápice. Ainda não. O espetáculo irá continuar, se bem que transposto a um plano superior. A energia vital gerada aparece agora centrada na pessoa de uma bailarina - Simone Ferro. A ela cabe o papel mais difícil de retratar: a fusão da vida com a consciência do homem. A interpretação é magistral: em uma seqüência de passos terminado em grand jeté, Simone da forma concreta ao impalpável - o processo de carga e descarga de energia. Depois de interagir com o grupo, os movimentos da bailarina, aos poucos, se adensam e diminuem em escala. Ela não mais se projeta em direção a platéia, traz a platéia até si. Só no centro do palco, vemos uma figura enraizada e imantada. Antes da última luz se apagar, vislumbramos em seu rosto uma expressão de sabedoria - a de quem desvendou um dos mistérios da vida. O segredo, porém fica guardado; para nós, espectadores, resta a lembrança luminosa da dança e a estranha sensação de que nosso sangue, por alguma forma, se alterou. Dois esclarecimentos se fazem necessários. Esta semana, o papel principal do Bolero será

dividido com Sonia Mota, uma bailarina consumada que também reúne condições para uma forte interpretação. Em segundo lugar, esclareço que minha impressão de Bolero foi adquirida nas duas sessões de sábado passado em que algo de muito especial ocorria: a música era executada ao vivo pelo grupo Percussão Agora. No domingo - como acontecerá esta semana - os músicos foram substituídos por uma fita, em detrimento da companhia e o do público. Na primeira sessão do dia, o espetáculo se despressurizou de maneira alarmante; na segunda sessão, a coreografia recuperava suas feições, embora não seu brilhante vigor. Espero que, a medida que se forem acostumando a nova situação, os bailarinos saibam reencontrar sua força de expressão e reconduzir Bolero a posição que de direito é sua: a de um dos melhores espetáculos de dança do ano.

Manoel Vidal  
Jornal da Tarde /3/9/82

## Um Bolero dançado em círculos concêntricos

Vivendo um momento de transição entre as ruínas a que andou reduzido e um outro modelo ainda indefinido, o Balé da Cidade de São Paulo parece ter avistado a luz no fim do túnel onde andou metido. Bolero, a nova peça de seu repertório, criada para o espaço do Centro Cultural de São Paulo, mas que também será dançada no palco do Teatro Municipal, surge no momento certo. Além de encerrar a fase inicial da direção artística de Klauss Viana/Ruth Rachou, revela o esboço de um novo perfil para a nossa companhia oficial - a que é muito saudável e bem-vindo. A realização deste Bolero é muito feliz. Principalmente porque nos devolve a dançar bonito de um elenco que havia perdido a sua força.

Um mérito que, sem dúvida, também deve ser creditado a nova direção, que vem explorando a individualidade da movimentação de cada um dos bailarinos. Resultado desta ótima orientação: um conjunto mais homogêneo, onde o prazer de dançar volta a estar presente e se corporifica em cada intérprete. Há as especiais, é claro: Simone Ferro, Aurea Ferreira, Raimundo Costa, Monica Mion, Tony Callado, que se destacam num corpo de baile formado por bons profissionais e que consegue ótimo rendimento.

Este desempenho, é bem verdade, resulta de fatores periféricos a interpretação propriamente dita. O primeiro deles é o resultado desta combinação de Emilie Chamie (concepção do trabalho) com Lia Robato (realização da coreografia). O equilíbrio entre as duas contribuições realizou uma daquelas obras sempre raras, onde intenção e gesto funcionam como um bloco único. Não se deve abordar este Bolero como uma correta tradução de idéia em movimento. Mas que uma tradução, a excelente coreografia de Lia Robato é também uma composição onde foram aplicadas as mesmas leis criativas que são explicadas pela concepção de Emilie Chamie.

São como círculos concêntricos flutuantes. O que Ravel fez com o bolero tradicional, Trythall fez com a música de Ravel, e Emilie e Lia fizeram com Ravel e Trythall. Esta é a chave que nos permite explorar as diversos meandros de uma linguagem requintada a partir da própria idealização.

O principal desta coreografia de Lia Robato é confirmar como o conhecimento musical é mesmo indispensável aos que pretendem criar movimentos. Sobre a partitura de Trythall, que é de 1979, Lia não colou ilustrações. Na

verdade, ela escreveu uma nova partitura com as instrumentos de que dispunha, isto é, os corpos dos bailarinos e a espaço. Sintonizada com a criação contemporânea, Lia Robato desenhou arranhões e interferências num espaço que se corporifica através de três relações: a dos bailarinos entre si, a dos bailarinos com a música e entre a que eles fazem e o espaço que os envolve. (Novamente, as círculos concêntricos). Uma beleza de trabalho, que transborda vitalidade e energia.

Claro, a primeira parte da peça não fica bem resolvida. A idéia me parece ser a de construir uma exposição (viva) dentro da exposição (imobilizada nos painéis). Mas como o público não tem o hábito de ser solicitado ativamente, porta-se como se estivesse diante de uma exibição num palco italiano. Se imobiliza, não circula, não toma cantato com as vários acontecimentos simultâneos que formam, ao serem reunidos, uma espécie de referência histórica. É pena, mas não inválida esta proposta, enquanto forma. Acredito que a repetição terminara estimulando as platéias. Quando isto efetivamente ocorrer, estaremos conseguindo explorar, na sua totalidade, uma obra importante. Tanto para o Balé da Cidade de São Paulo - que com ela readquire a vigor indispensável - como para a dança brasileira - o que, por seu intermédio, retoma cantato com' procedimentos estéticos do nosso tempo.

Helena Katz

Folha de S.Paulo / 7/9/82

A regra mais simples

## **Bolero**

*Concepção de Emilie Chamie. Coreografia de Lia Robatto. Com o Balé da Cidade, dirigido por Klauss Vianna. Centro Cultural São Paulo / Teatro Municipal.*

*... Em São Paulo, nesta semana, dança-se polca, valsa e bolero .... E o bolero exibe uma modernidade impecável quando acompanha os intérpretes do Balé da Cidade, sob a direção de Klauss Vianna .... E a modesta coreografia de Lia Robatto, sobre roteiro de Emilie Chamie, é uma aventura fascinante de corpos, tempo e espaço. Pleonasma, mas sábio: a dança é sobretudo, o ato de dançar.*

*... Em Bolero, executado pelo Balé da Cidade, as intenções também são boas e a imaginação é apenas razoável. Mas o resultado é a verdadeira medida. O roteiro de Emilie Chamie dividiu o espetáculo em dois momentos: no primeiro, o Grupo Experimental, recém-fundado, circula pelo foyer, entre slides e painéis, contando as várias versões que esta peça clássica teve - desde a estréia, em 1928, com Ida Rubinstein, passando pela montagem misógina de Maurice Bejart. Neste primeiro ato, os bailarinos funcionam como uma exposição animada como telas em movimento, vestidas a caráter e ao som do Bolero de Ravel. No segundo ato, o bolero tradicional é reduzido a sua versão contemporânea: bailarinos em malhas simples e música de percussão. Aqui, entretanto, a alquimia deu certo. A coreografia de Lia Robatto é um achado. Começa como um ritual de iniciação: o público, primeiro atarantado, depois divertido, acompanha no primeiro ato a infância do bolero. Quando as exasperantes pulsações de Ravel parecem atingir o clímax, o show se transforma em concerto de câmara. O segundo Bolero, composto em 1979 por Richard Trythall, é tão ascético quanto o de Ravel e sanguíneo. Mas, após o adestramento-relâmpago do primeiro ato, o clímax sobrevive. Uma lição de simplicidade - uma concepção clara, uma coreografia luminosa em sua economia, interpretações seguras. O Balé da Cidade, reformulado por Klauss Vianna, fez desta vez sua verdadeira estréia - com pompas, honras e o talento no lugar. Porque, ao contrário da última temporada - plena de boas intenções-, esta esbanjou o que eles têm de melhor: a dança.*

*Marília Pacheco Fiorillo  
Isto É 8/9/82*

## **Posto avançado**

**Festa Tribal** - Também com requintes de produção, volta ao Teatro Municipal de São Paulo uma versão do Bolero, criada pela coreógrafa Lia Robatto, a partir de uma concepção de Emilie Chamie. Em duas partes, a coreografia é dançada por dois grupos: o Balé da Cidade de São Paulo e seu recém-criado Grupo Experimental. A primeira parte, dançada na platéia do teatro pelos dezoito bailarinos do Grupo Experimental, envolve os espectadores em movimentos circulares que fazem uma antologia de gestos de origem espanhola, usando como acessório cênico inclusive a plataforma redonda característica de tantas versões desse balé. A música de Maurice Ravel na atual coreografia e usada alternadamente com trechos de outro Bolero, do compositor americano Richard Trythall. A segunda parte é dançada no palco, pelos 28 veteranos do Balé da Cidade de São Paulo. Com entradas dramáticas, surgindo de vários lugares, os bailarinos se colocam em cena até formar uma grande massa pulsante. Ao som do Bolero de Trythall, para percussão, o grupo - desta vez completo - faz movimentos que sugerem festas tribais, até que dele se destaca uma mulher tomada pela paixão - dançada em momentos alternados por Sonia Motta e Simone Ferro - com solos em que variações de dinâmica e de direção são executadas com emoção e grande perícia técnica. O final é caleidoscópico e os bailarinos, comandados por Sonia e Simone, explodem com uma energia insuspeitada nesta Companhia, que sob a liderança de seu novo diretor, o coreógrafo Klauss Vianna, deixou sua postura acadêmica partindo em busca de formas mais atuais.

*João Cândido Galvão  
Veja / 22/9/82*

# Em São Paulo e Salvador, as duas estréias de balé

HELENA KATZ

São duas as estréias de hoje, uma em São Paulo, outra em Salvador. Aqui o Balé da Cidade de São Paulo ocupará por três dias o Centro Cultural São Paulo (estação Vergueiro do Metrô), com o "Bolero", a nova obra de seu repertório. Lá o Balé Teatro Castro Alves (BTCA) entra novamente em cena com um programa que reúne duas representações: "Lilas", de Victor Navarro, e "Maria Quitéria", numa remontagem de seu autor, Antônio Carlos Cardoso, para os atuais 24 bailarinos do elenco.

A companhia oficial de São Paulo estréia hoje o "Bolero", numa montagem com direção de Emilie Chamie e coreografia de Lia Robato. Segundo Klaus Viana, diretor do Balé da Cidade de São Paulo, "serão mostradas as transformações desta dança até chegar à forma de bolero conhecida por nós. Pela primeira vez, usaremos os dois grupos da companhia atuando juntos".

Os dois grupos são os seguintes: o elenco que já existia e mais o Grupo Experimental, recentemente criado dentro do Balé da Cidade, através de concurso que atraiu mais de 200 inscrições. Este Grupo Experimental conta com 9 rapazes e 12 moças e está reunindo a maior parte dos dançarinos que exploravam carreiras free-lancers em dança não-clássica. Entre eles, por exemplo, estão Mara Borba, Júlio Vilin, Israel Ivo, Mazé Crescenti, Stéphane Dosse, Suzana Yamachi, Sônia Mota, João Mauricio, Marina Heiui, Daniela Stasi, etc.

Para Ruth Rachou, Klaus Viana e Chiquinho Medeiros, membros da banca examinadora que selecionou os 21 bailarinos para o Grupo Experimental, "o nível dos que se apresentaram surpreendeu pela qualidade e funciona como indicação de que as academias de dança moderna começam a formar bailarinos".

"A maior parte desses bailarinos — explica Klaus — não dispõe de uma infra-estrutura sobre a qual pudesse explorar seu próprio talento. A função do

Grupo Experimental é justamente fornecer essa condição a eles."

O "Bolero" apresentará duas partes distintas. A primeira fica com o Grupo Experimental, que explorará as diversas formas pelas quais o bolero foi passando. E na outra, dança o elenco antigo. Terminada essa curta temporada no Centro Cultural São Paulo, o Balé da Cidade representará a nova obra no Teatro Municipal.

SALVADOR

Em Salvador, "Sarut", a nova peça do Balé Teatro Castro Alves, que conta com iluminação de José Rubens Siqueira, figurinos de J. Cunha, e trilha sonora de Emília Biancardi, fala do encontro já realizado. "Acho importante passar a ideia, através da dança — explica Carlos Moraes — do que seja o renascimento. Há milênios atrás os africanos já tinham esse conhecimento e eram felizes pela forma de vida muito humana que tinham. Com o progresso, a máquina tomou a importância do homem".

O nome "Sarut" vem de um cântico a Oxalá, que é o deus da criação na mitologia yorubá. Segundo Antônio Carlos Cardoso, diretor do Balé Teatro Castro Alves, "é importante ressaltar que, neste trabalho, não se deu nenhum caráter tipo exportação. O que não se pode enegar a influência afro-brasileira na cultura, sendo à Bahia a sede da companhia. Nenhum outro grupo poderia dançar isto, soaria falso. E se nós nos dedicamos, aqui no BTCA, apenas a outras manifestações e jogásemos esta fora, estaríamos desprezando a nossa própria identidade".

A temporada do Balé Teatro Castro Alves continuará na próxima semana. Em seguida, a companhia iniciará uma turnê por Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Brasília e São Paulo. Aqui, seus espetáculos se realizarão no Teatro Municipal, nos dias 2 e 3 de outubro. A companhia baiana abrirá o 2.º Festival de Dança promovido pela APFD (Associação Paulista dos Profissionais de Dança).

# Uma experiência física com o espectador

ACACIO R. VALLIM JR.

O processo de amadurecimento dos intérpretes do Balé da Cidade de São Paulo passou a exigir coreógrafos de sensibilidade que fossem capazes de apresentar bem o material humano do grupo. Isso exigiu por consequência natural do trabalho de Klaus Viana, que tem lido os bailarinos e se formam diferenciados enquanto intérpretes de dança. As últimas experiências do grupo mostraram bastante em sua capacidade de realização e as ideias que era obrigado a executar.

Lia Robato enquanto coreógrafa teve sempre como postura ressaltar as características dos grupos com que trabalha. Quase sempre ligada a grupos experimentais, sua carreira foi marcada por altos e baixos com alguns trabalhos excepcionais outros bastante ingênuos. Apesar disso, suas coreografias sempre trouxeram a marca da inovação. Trabalhando com o Balé da Cidade de São Paulo, Lia Robato se revelou a pessoa ideal para explorar ao máximo a potencialidade expressiva dos intérpretes. Por outro lado, com intérpretes bem treinados, sua coreografia ganhou organicidade e crítica. "Bolero", coreografiado por Lia Robato e dançado pelo Balé da Cidade de São Paulo é um exemplo raro do encontro harmonioso entre coreógrafo de imaginação e intérpretes perfeitos.

A concepção de Emilie Chamie disti-

do o espetáculo em dois momentos. O primeiro acontece no saguão do Centro Cultural São Paulo e tem uma abordagem histórica. Através de fotografias e de uma trilha sonora que tem por base o "Bolero" de Maurice Ravel, o público toma contato com as diversas modalidades do "Bolero" através da história. Nessa primeira parte, os bailarinos usam roupas típicas e alguns movimentos tem relação com o que as fotografias mostram. Como informação histórica a exposição cumpre sua finalidade. O que é questionável é a dança que se desenvolve ao redor da exposição.

Como proposta de dança ambiental essa primeira parte da apresentação não se realiza porque os painéis da exposição compõem a dança numa relação psicoplástica das mais tradicionais. O uso do espaço como elemento fundamental desaparece na medida em que os dançarinos se transformam em quadros vivos em frente aos painéis. Como suplemento à exposição, a dança é dispensável porque é de caráter problemático e nada acrescenta aos dados já conhecidos.

Ao passar para o teatro de arena, o espetáculo ganha uma dimensão diferenciada no uso do espaço. Lia Robato tira proveito das possibilidades que a arquitetura do local oferece. Entrando em cena por lugares inesperados, os dançarinos passam a estabelecer um universo de relações humanas. Cada intérprete traz

uma personalidade, um sentimento ou uma emoção claramente estampados.

Ao usar a persuação como estímulo, Lia Robato mantém sempre viva a relação entre som e movimento. As relações iniciadas ora se aprofundam ora dão lugar a simples logo de movimentos. A partir da formação em círculo, começa a existir uma troca emocional mais intensa entre os dançarinos, e quando alguns deles pulam para o meio do lado parecem impulsionados por uma necessidade vital muito forte de se colocar em movimento. A energia nunca cessa de crescer até explodir em intensidade no solo final de Simone Ferro.

De um modo muito inteligente Lia Robato não introduz peças isoladas nesse trecho final. A persuação aumenta o volume sonoro, mas os movimentos são sempre econômicos, apenas os necessários. O que está crescendo é a carga emocional da intérprete central, que parece querer expandir-se além dos limites físicos do próprio corpo. A troca feita de acontecer apenas entre os bailarinos e passa a envolver o público. Simone Ferro, num trabalho excepcional, funciona como um pólo gravitacional e receptor de ondas que atingem a platéia com impacto. Muito tempo depois de terminado o espetáculo, ainda é possível sentir o impacto das vibrações da persuação e a emoção comunicada pelos intérpretes. Arima de tudo "Bolero" é uma experiência física para o espectador, uma troca intensa entre intérpretes e público.



**Bolero, uma criativa transfusão de adrenalina.**

Aqueles que ainda não conhecem o novo Centro Cultural da rua Vergueiro terão um pretexto excelente para seguir até lá, nesta noite final de semana, quando o espaço estará sendo ocupado por "Bolero", a mais recente criação do Balé da Cidade. Idealizado por Chamie e coreografiado por Lia Robato, o espetáculo responde por mais explosivos aplausos que já nosa principal companhia de dança recebeu este ano. Com "Bolero", a contagem de gibóias vermelhas dos bailarinos sobiu a níveis nunca antes conhecidos de realizar coisas novas pela primeira vez.

A forma como "Bolero" foi estruturado não é convencional. A princípio, o público é admitido a um salão com paredes envidraçadas, tendo, de um lado, um palco e, de outro, sua parede, com fotografias de coreografias já feitas sobre o "Bolero" de Ravel. Como manda a tradição, os bailarinos de cipriotes espanhóis, quando os luses se agaçam, pode-se ver a luz por trás do teto, também transparente.

Um grupo de 10 bailarinos foi recém criado pelo Grupo Experimental da Cidade Cultural de São Paulo, passando diante de cada painel para uma primeira dança — a do ato, agora do "Bolero" de Ravel. Verdade é Espanha, os intérpretes buscam recrear um clima, com base em posturas típicas do flamenco. No final da primeira do grupo, vemos que um bailarino foi postado diante de cada painel, e que os quatro restantes sobiram ao palco a proximidade dos bailarinos com o público é amadurecida e a dança prossegue interrompida, de tempos em tempo, por um ato que parece ser uma versão elementar da dança de Ravel, encadeada apenas por instrumentos de percussão. Nesse momento, "alças" de metal são em ação sob o pé dos bailarinos sobre os painéis.

Assim transcurre o prólogo do espetáculo. Sua percepção pública é verdadeira, é parcial, em função do aplaudimento das pessoas que ora sentem, ora ficam em pé. Esta razão, talvez, explique coreografias apátricas, que não somente estabelecer uma cor local. O efeito, porém, fica dividido entre a inapreciação de muitos. "Bolero" parece ter de transmitir o que seria a essência do flamenco

Vemos bailarinos vagos, rígidos ou excessivamente agressivos, vemos lentes lúas e sua super da maturidade monótona. Apenas Suzana Yamachi, reconhecível por suas histórias orientais e outras bem tornadas faz lembrar que o flamenco tem uma forma estilizada e exaltada de ser, própria de um povo, dotado de forte sexualidade.

No término do prólogo o elenco se reúne em círculo no meio do decorado sobre os restos das companhias locais do "Bolero" de Ravel. A disposição é a mesma que ocorreu por Nilvânia em 1928, e popularizada por Marjari em sua versão do "Bolero". A imagem redem sua força original, embora aparece debilitada pela atuação de bailarinos centrais que traz sugerem um girar cansativo e sua pirueta aparentemente violenta e ritmo obstinado do de Ravel.

Quando a sensibilidade pela música, a platéia está preparada para a experiência que vai se seguir. Primeiro, terá que se transferir para um teatro de arena costeira, via arquitetura reforço e magnanismo do palco e propicia um eixo de dança que não se dá a perder em meio a uma saudável contusão.

Assim como o decorado conhecido há bailarinos (intérpretes do corpo principal do Balé da Cidade) e a música de Richard Trippati, passa a platéia (luzes constantes de energia nos intérpretes). Dentro de uma formação rígida, o elenco inicia seus movimentos. Os intérpretes do triângulo levantam-se, pequenos grupos formam-se e dissociam-se. Gradualmente, a música magra contorna a se corripitificar, infiltrando-se por entre os bailarinos até inabalar por um ato, pelo qual Lia Robato idealizou uma coreografia de movimentos abstratos e não convencionais, no entanto, pelo simples fato de ser romper à vida de forma tão direta, a dança passa a acumular uma dramaticidade que sustenta impulsiona o espetáculo. Após dançar em círculo, os bailarinos sentam-se no chão. Júlia Ziviani e Lília Shevchenko em um centro para se abraçarem, em bailarinos sentam-se no chão. Depois, a voz de Alberto Cidra resgar o espaço num ritmo de "Bolero" parece ter chegado ao seu ápice.

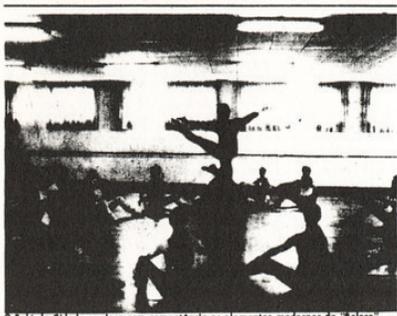
Ainda não o espetáculo irá continuar, se bem que transpõe a um plano superior. A energia vital gerada aparece agora centrada na pessoa de uma bailarina — Simone Ferro. A dança e papel mais difíceis de retratar a luz da vida com a consciência do homem. A interpretação é magistral, em uma sequência de passos terminada em um grande salto. Simone dá forma concreta ao impalpável, veste a bailarina com a beleza e a dimensão. Depois de interagir com o grupo, os movimentos do bailarino são poucos, saem e voltam a mover em círculo. Ela não muda seu próprio eixo de direção a platéia, traz a platéia até si. No centro do palco, vemos uma figura estranha e amuada. Antes da última luz se apagar, voltamos em um novo teatro, uma experiência física para o espectador, uma troca intensa entre intérpretes e público.

Dois esclarecimentos se fazem necessários. Esta mesma, a papel principal de Bolero está dividido com Sônia Mota, uma bailarina casamente da que também reúne condições para uma forte interpretação. Em segundo lugar, a dança é de muito interesse de Bolero foi adquirida nos dois meses de sábado passado, em um momento em que o público era paratizado ao vivo pelo grupo "Percussão Agita". No domingo, como momento extra, um grupo de bailarinos foram substituídos por uma atriz, em detrimento da dança, e o espetáculo se desorganizou de maneira alarmante, na segunda noite, a coreografia ficou parada, mas, inclusive, embora não seu brilhante rigor. Espera que, a medida que se foram acontecendo a nova situação, os bailarinos se tenham contra a sua falta de expressão e reconstruído "Bolero" e a voz de Alberto Cidra resgar o espaço num ritmo de "Bolero" parece ter chegado ao seu ápice.

Manoel Vidali

O Balé Teatro Castro Alves, de Salvador, em "Sarut".

FOLHA DE S. PAULO / 27/8/82



O Balé da Cidade explora com competência os elementos modernos de "Bolero".

## Um Bolero dançado em círculos concêntricos

HELENA KATZ

Vivendo um momento de transição entre as ruínas a que andou reduzido e um outro modelo ainda indefinido, o Balé da Cidade de São Paulo parece ter avistado a luz no fim do túnel onde andou perdido. "Bolero", a nova peça de seu repertório, criada para o espaço do Centro Cultural de São Paulo, mas que também será dançada no palco do Teatro Municipal, surge no momento certo. Além de encerrar a fase inicial da direção artística de Klaus Viana/Ruth Rachou, revela o esboço de um novo perfil para a nossa companhia oficial — o que é muito saudável e bem-vindo.

A realização deste "Bolero" é muito feliz. Principalmente porque nos devolve o dançar bonito de um elenco que havia perdido a sua força. Um mérito que, sem dúvida, também deve ser creditado à nova direção, que vem explorando a individualidade da movimentação de cada um dos bailarinos. Resultado desta ótima orientação: um conjunto mais homogêneo, onde o prazer de dançar volta a estar presente e se corporifica em cada intérprete. Há os especiais, é claro: Simone Ferro, Aíres Ferreira, Raimundo Costa, Mônica Mion, Tony Callado, que se destacam num corpo de baile formado por bons profissionais e que consegue ótimo rendimento.

Este desempenho, é bem verdade, resulta de fatores periféricos à interpretação propriamente dita. O primeiro deles é o resultado desta combinação de Emilie Chamie (concepção do trabalho) com Lia Robatto (realização da coreografia). O equilíbrio entre as duas contribuições realizou uma daquelas obras sempre raras, onde intenção e gesto funcionam como um bloco único. Não se deve abordar este "Bolero" como uma correta tradução de idéia em movimento. Mais que uma tradução, a excelente coreografia de Lia Robatto é também uma composição onde foram aplicadas as mesmas leis criativas que são explicadas pela concepção de Emilie Chamie.

São como círculos concêntricos flutuantes. O que Ravel fez com o bolero tradicional, Trythall fez com a música de Ravel, e Emilie e Lia fizeram com Ravel e Trythall. Esta é a chave que nos permite explorar os diversos matizes de uma linguagem reinventada a partir da própria idealização.

O principal desta coreografia de Lia Robatto é confirmar como o conhecimento musical é mesmo indispensável aos que pretendem criar movimentos. Sobre a partitura de Trythall, que é de 1979, Lia não colou ilustrações. Na verdade, ela escreveu uma nova partitura com os instrumentos de que dispunha. Isto é, os corpos dos bailarinos e o espaço, e três relações: a dos bailarinos entre si, a dos bailarinos com a música e entre o que eles fazem e o espaço que os envolve. (Novamente, os círculos concêntricos). Uma beleza de trabalho, que transborda vitalidade e energia.

Claro, a primeira parte da peça não fica bem resolvida. A idéia me parece ser a de construir uma exposição (viva) dentro da exposição (imobilizada nos painéis). Mas como o público não tem o hábito de ser solicitado ativamente, porta-se como se estivesse diante de uma exibição num palco italiano. Se imobiliza, não circula, não toma contato com os vários acontecimentos simultâneos que formam, ao serem reunidos, uma espécie de referência histórica. E pena, mas não invalida esta proposta, enquanto forma. Acredito que a repetição terminará estimulando as platéias.

Quando isto efetivamente ocorrer, estaremos conseguindo explorar, na sua totalidade, uma obra importante. Tanto para o Balé da Cidade de São Paulo — que com ela readquire o vigor indispensável — como para a dança brasileira — que, por seu intermédio, retoma contato com procedimentos estéticos do nosso tempo.

## DANÇA

### A regra mais simples

Doas estréias, mas dança mesmo só em uma

#### BOLERO

● *Concepção de Emilie Chamie. Coreografia de Lia Robatto. Com o Balé da Cidade, dirigido por Klaus Viana. Centro Cultural de São Paulo. Teatro Municipal.*

#### O BAILE DA ILHA FISCAL

● *Coreografia deIVALDO BERTAZZO. Direção de Denise Milan. Teatro Sesi-Pompeia, São Paulo.*

Em São Paulo, nesta semana, dança-se polca, valsa e bolero. Nenhuma maratona nostálgica, porém. A polca pode ser brejeira, como *Catá no Macão*, uma partitura do II Império queIVALDO BERTAZZO selecionou, entre outras doces melodias dos pianos de sinhozinhos, para seu *O Baile da Ilha Fiscal* — onde os passos são livres, mesmo que levemente empostados. E o bolero exibe uma modernidade impecável quando acompanha os intérpretes do Balé da Cidade, sob a direção de Klaus Viana. Mas entre um e outro — entre o baile de Bertazzo e o do antigo Corpo de Baile Municipal — há a distância de um pleonasmo. O sofisticado espetáculo de Bertazzo tem tudo, menos a paixão do movimento. E a modesta coreografia de Lia Robatto, sobre roteiro de Emilie Chamie, é uma aventura fascinante de corpos, tempo e espaço. Pleonasmo de corpos, tempo e espaço. Pleonasmo, mas sabe a dança e, sobretudo, o ato de dançar.

O Baile da Ilha Fiscal padece da carência dessa qualidade proverbial. Elegável, mas não como espetáculo de movimento. O argumento e apimentado: a corte dança, despreocupada, os últimos maneirismos, a República está sendo proclamada. Os adereços e roupas são cuidados, a maquiagem tem o selo de qualidade

de Patrício Basso e há mesmo um conjunto de músicos para acompanhar os bailarinos. Mas o que poderia ter sido um irônico aviso aos navegantes — as prováveis semelhanças entre 1889 e 1982 — ou mesmo uma engraçada reelaboração histórica se transforma numa monótona sucessão de minutos. O roteiro, dançado, não é dança nem

roteiro: a coreografia hesita, os intérpretes não têm familiaridade com o palco, os movimentos de conjunto são pouco nítidos para serem chamados de simples, e complicados demais para a carência de execução do elenco. Sobre o público, este boia a deriva, sem saber se a cena foi burlesca — porque esta era a marcação — ou se saiu errada, apenas.

Em *Bolero*, executado pelo Balé da Cidade, as intenções também são boas e a imaginação é apenas razoável. Mas o resultado é a verdadeira medida. O roteiro de Emilie Chamie dividiu o espetáculo em dois momentos: no primeiro, o Grupo Experimental, recém-fundado, circula pelo *foyer*, entre *stiles* e painéis, contando as



"Bolero", fascínio e simplicidade



Bertazzo, em "O Baile da Ilha Fiscal": monótono

Aíres versões que esta peça clássica teve — desde a estréia, em 1928, com Ida Rubinstein, passando pela montagem missíngna de Maurice Beart. Neste primeiro ato, os bailarinos funcionam como uma exposição animada — como letra em movimento, vestidas a caráter e ao som do Bolero de Ravel. No segundo ato, o bolero tradicional é reduzido a sua versão contemporânea: bailarinos em malhas simples e música de percussão. Aqui, entretanto, a alquimia deu certo. A coreografia de Lia Robatto é um achado. Começa como um ritual de iniciação do público, primeiro atarantado, depois divertido, acompanha no primeiro ato a infância do bolero. Quando as exasperantes pulsações de Ravel parecem atingir o clima, o *bolero* se transforma em concerto de câmara. O segundo Bolero, composto em 1979 por Richard Trythall, é tão ascético quanto o de Ravel e sanguineo. Mas, após o adormecimento-reimpulso do primeiro ato, o clima sobrevive. É uma lição de simplicidade — uma concepção clara, uma coreografia luminosa em sua economia, interpretações seguras. O Balé da Cidade, reformulado por Klaus Viana, fez desta vez sua verdadeira estréia — com pompas, honras e o talento no lugar. Porque, ao contrário da última temporada — plena de boas intenções —, esta esbanjou o que eles têm de melhor a dança.

Varília Pacheco Fiorillo

ISTOE 8/9/1982

ISTO É / 8/9/82

## Posto avançado

Em São Paulo, novas versões de Bolero e Petrouchka

Enquanto no Rio de Janeiro astros internacionais como Fernando Bujones, Zandra Rodrigues e Yoko Morishita mantêm viva a versão tradicional de um grande momento do balé clássico, o *Don Quixote*, em São Paulo a prata da casa retoma dois momentos mais recentes da dança e dá a eles uma nova roupagem. **PETROUCHKA**, com música de

Igor Stravinsky, que também colaborou no roteiro, estreou em Paris na temporada de 1911 do Balé Russo de Diaghilev e desde então está no repertório de grandes companhias de dança do mundo inteiro. A coreografia de Mikhail Fokine conta a história de Petrouchka, marionete que se apaixonou por uma bailarina, sua companheira de show, e se humaniza através desse amor frustrado, pois ela prefere o violão. Essa dualidade de boneco com emoções humanas já induziu muitos artistas a versões desse balé, inclusive Maurice Béjart. Agora a coreógrafa Célia Gouveia e o premiado diretor e autor teatral Naum Alves de Souza retomam a história, abraçando-a, para o espetáculo que o J.C. Violla Grupo de Dança está apresentando no Teatro São Pedro, em São Paulo.

Petrouchka é um personagem que exige de um bailarino recursos de interpretação teatral. O que José Carlos Violla, experimentado nos dois campos, consegue dominar. Nas suas expressões de espanto e dor é possível perceber a existência de um homem tentando escapar de um involúcro de bo-

neco. Violla passa claramente esse conflito — ponto central do espetáculo — e seu gesto final, de absoluta economia, é mais eficaz do que 1 000 proezas técnicas sem conteúdo. Cristina Brandini — a bailarina —, Hermes Barnabé — o homem forte, rival do herói — e Flávio de Souza — o manipulador de todos — acompanham no mesmo nível o trabalho de Violla. A coreografia usa bem os bailarinos, mas não aproveita totalmente o espaço cênico criado por Naum, com referências aos trabalhos anteriores do grupo. Música, trilha sonora, iluminação e figurinos bem cuidados completam o quadro desse espetáculo que confirma a alta qualidade do J.C. Violla Grupo de Dança.



Petrouchka: refazendo a história de um boneco que se humaniza por amor



O Bolero: dançado como se fosse uma festa tribal

**FESTA TRIBAL** — Também com requintes de produção, volta ao Teatro Municipal de São Paulo uma versão do **BOLERO**, criada pela coreógrafa Lia Robatto, a partir de uma concepção de Emilie Charnie. Em duas partes, a coreografia é dançada por dois grupos: o Balé da Cidade de São Paulo e seu recém-criado Grupo Experimental. A primeira parte, dançada na platéia do teatro pelos dezotto bailarinos do Grupo Experimental, envolve os espectadores em movimentos circulares que fazem uma antologia de gestos de origem espanhola, usando como acessório cênico inclusive a plataforma redonda característica de tantas versões desse balé. A música de Maurice Ravel na atual coreografia é usada alternadamente

com trechos de outro *Bolero*, do compositor americano Richard Trythall.

A segunda parte é dançada no palco, pelos 28 veteranos do Balé da Cidade de São Paulo. Com entradas dramáticas, surgindo de vários lugares, os bailarinos se colocam em cena até formar uma grande massa pulsante. Ao som do *Bolero* de Trythall, para percussão, o grupo — desta vez completo — faz movimentos que sugerem festas tribais, até que dele se destaca uma mulher tomada pela — dançada em momentos alternados por Sônia Motta e Simone Ferro — com solos em que variações de dinâmica e de direção são executadas com emoção e grande perícia técnica. O final é caleidoscópico e os bailarinos, comandados por Sônia e Simone, explodem com uma energia insuspeitada nesta Companhia, que sob a liderança de seu novo diretor, o coreógrafo Klaus Vianna, deixou sua postura acadêmica partindo em busca de formas mais atuais.

JOÃO CÂNDIDO GALVÃO

VEJA, 22 DE SETEMBRO, 1982

VEJA / 22/9/82

## Dois elencos para uma única montagem do musical Bolero

Esse espetáculo estreia amanhã com o Balé da Cidade de São Paulo

O Balé da Cidade de São Paulo vai apresentar-se amanhã, no Centro Cultural São Paulo, com a estréia da montagem de Bolero, trabalho criado por Emilie Chamie e coreografado por Lia Robatto. Serão seis apresentações — amanhã, sábado e domingo, em sessões às 21 e 22h30, com ingressos a Cr\$ 200,00.

A montagem está dividida em duas partes, com dois elencos se apresentando em espaços diferentes. A primeira parte de Bolero desenvolve no foyer do Centro Cultural. A segunda parte, no palco do teatro de arena — com o corpo de baile interpretando a coreografia preparada para o espetáculo musical do Bolero de Trythall, executada ao vivo pelo grupo Percussão Agora (e inspirado na famosa obra de Ravel).

Reunindo esses dois momentos Bolero representa — segundo os responsáveis pelo Balé da Cidade de São Paulo — a trajetória até Trythall — uma versão contemporânea para percussão da obra de Ravel, célebre pela repetição por dezoito vezes de sua única frase melódica que se desenvolve em progressão sonora dos tambores.

Mas não se trata de um espetáculo que conta uma história ou levanta um problema — explica a produção do espetáculo, segundo a qual a partir da proposta aberta de Emilie Chamie, responsável também pela direção geral do espetáculo Bolero atingiu sua forma final, com a colaboração dos seus integrantes, considerando-se nesse contexto não somente o elenco, mas os assistentes.



Lia Robatto fez a coreografia de Bolero

## MÚSICA / SHOW

### Balé da Cidade dança no Centro Cultural

A Secretaria Municipal de Cultura apresenta pela primeira vez no Centro Cultural São Paulo a dança do Balé da Cidade, com a estréia de "Bolero", trabalho concebido por Emilie Chamie e coreografado por Lia Robatto. Hoje, amanhã e domingo, às 21 e 22h30.

O trabalho dessa primeira montagem do bolero de Trythall, baseado na famosa obra de Ravel, é dividido em duas partes, com dois elencos se apresentando em espaços distintos. A primeira acontece no foyer do Centro Cultural e é interpretada por 10 bailarinos do recém-criado Grupo Experimental do Balé da Cidade de São Paulo. Com o propósito de citação histórica, é uma introdução acoplada à exposição cenográfica de imagens, textos e slides sobre montagens anteriores do balé original, a partir da realizada por Ida Rubinstein em 1928, dançarina para quem Ravel compôs sua grande obra. Em sua segunda parte, já no palco do Teatro de Arena, o corpo de baile interpreta a coreografia elaborada para o espetáculo musical do Bolero de Trythall, executada ao vivo pelo grupo Percussão Agora.



Reunindo dois momentos, "Bolero" representa a trajetória até Trythall, uma versão contemporânea da obra de Ravel, célebre pela repetição por 18 vezes de sua única frase melódica, que se desenvolve em progressão sonora ao ritmo dos tambores. Entretanto não é um espetáculo que conta uma história ou levanta um problema; o tema é o genômeno da dança enquanto despertar do próprio corpo imbuído pela música.

FOLHA DA TARDE / 27/8/82

JORNAL DA TARDE / 27/8/82

## Com Bolero, o Balé da Cidade busca seu caminho.

O balé da cidade de São Paulo, em sessão de ensaio

Em março, quando Klaus Vinna assumiu a direção artística do Balé da Cidade de São Paulo, encontrou o grupo "estagnado, numa fase péssima". E ele começou seu trabalho pelo mais simples: "Fizemos uma luteroterapia, brincamos de barra manteiga para relaxar". O grupo, que apresenta de hoje a domingo o espetáculo Bolero no Centro Cultural de São Paulo, "veja indicação no roteiro, se não tem ainda uma linguagem comêca e esboçada", ainda que de maneira tênue.

O espetáculo, na verdade, é apenas consequência. "Não nos interessa agora se a crítica gostou ou não. Buscamos um caminho. Por isso precisamos primeiro botar ordem nas coisas" — afirma Klaus. Tanto que esse trabalho, planejado para inaugurar o novo espaço cultural da cidade foi montado só há três semanas. "Fazer antes era prematuro. Este é o momento oportuno", assegura.

— Saiba essa coisa do bailarino que aprende técnica, técnica e mais técnica? Que erroneamente acredita que o melhor é aquele que levanta a perna mais alto ou faz piruetas mais complicadas? E fica fechando o corpo e o emocional não? Depois de um certo tempo entra em crise... —

Ele conta que pediu ao grupo para lhe mostrar um bailarino. E os dançarinos cri-

ram Apocalipse, um balé tecnicamente perfeito. "Mas o que significa?", perguntou e eles não sabiam. Desconheciam como podem ser criativos mesmo dentro da coreografia clássica. Acostumados ao 1,2,3,4, as marcações rígidas dos coreógrafos, foi trabalhoso ao início fazê-los sentir a música, improvisar, enfim, tomar consciência do movimento. Mas é um grupo com muita garra e o resultado foi bom". Dese novo esforço já resultaram dois trabalhos: Valsa para 29 Vozes, coreografado por J. C. Viola e Certas Mulheres, por Mara Borba.

É há menos de 15 dias o Balé da Cidade incorporou um núcleo experimental, formado por profissionais iniciantes, que começa agora suas atividades como parte do elenco de Bolero, um trabalho que valoriza técnica e criatividade.

— O que eu quero do Corpo de Baile é que ele adquira estrutura própria, que consiga desenvolver, por exemplo, a fala de um diretor. Porque acontece de chegar um coreógrafo, fazer seu nome em cima do balé depois ir embora, deixando-o acéfalo.

Bolero que leva a dança pela primeira vez ao Centro Cultural de São Paulo, foi proposto por Emilie Chamie e é uma versão contemporânea para percussão da obra de Ravel sobre música de John Cage e Richard Trythall, executada ao vivo pelo grupo Percussão Agora.

Considerando o espaço um dos elementos mais significativos da dança, a coreógrafa Lia Robatto dividiu o espetáculo em duas partes. Começa no saguão, com o grupo experimental explorando a arquitetura do ambiente onde está montada uma exposição de fotos, textos e imagens de montagens anteriores do balé original. Depois, a dança é dançada em 1928 por Ida Rubinstein, para quem Ravel compôs sua obra, até a de Maurice Bejart. É uma introdução à coreografia que o Corpo de Baile vai interpretar no palco.

Lia, felicíssima em trabalhar com bailarinos "bem profissionais" desde 69 ela se dedica a trabalhos experimentais usando a dança ambiental, conta que a princípio achou que não ia conseguir manter sua linha de trabalho: a partir de uma estrutura planejada, respeita a dinâmica do movimento individual e enriquece a coreografia com a contribuição de cada bailarino.

— Estou encantada. Eles são disciplinados e apesar de terem formação técnico-interpretativa diversa da minha, o trabalho rendeu muito. Fizemos em três semanas o que normalmente precisaria de dois três meses.

Mesmo assim, reconhece: é um trabalho tímido e até confortável de quem já ou sou tanto como ela. A década de 70 acabou, mas de 82 está muito longe. Não quero quebrar mais nada. Quero reconstruir.

## Dança

### BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO

— O grupo com coreografia de Lia Robatto apresenta uma montagem do bolero de Trythall, inspirado na obra de Ravel, e é dividido em duas partes, com dois elencos que se apresentam em espaços distintos. A primeira apresentação será no foyer do Centro Cultural de São Paulo e a segunda no Teatro de Arena do mesmo Centro (ao lado da Estação Vergueiro do Metrô). Hoje, sábado e domingo, às 21 e 22h30. Ingressos: Cr\$ 200.

FOLHA DA TARDE / 27/8/82

JORNAL DA TARDE / 26/8/82



**Centro Cultural São Paulo**  
(Rua Vergueiro, ao lado da estação  
"Vergueiro" do Metrô — tel 270-5746)

**DIAS 27, 28 e 29, às 21 e 22,30 hs.**

**BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO**

apresenta:

**BOLERO**

Concepção e Direção Geral: Emilie Chamie  
Coreografia: Lia Robatto  
Música: Ravel, Schinistine, Cage, Trythall, executada pelo  
Grupo "Percussão Agora".

**INGRESSOS: Cr\$ 200**

Prefeitura do Município de São Paulo  
**PREFEITO ANTÔNIO SALIM CURIATI**  
Secretaria Municipal de Cultura  
**SECRETÁRIO MÁRIO CHAMIE**



O Balé da Cidade se apresenta no Centro Cultural

O ESTÁGIO DE SÃO PAULO / 27/8/82

**Balé da Cidade dança "Bolero"**

Numa interpretação de dez bailarinos do (eventual) Grupo Experimental do Balé da Cidade de São Paulo, será apresentada, hoje, sábado, em direção do Centro Cultural São Paulo, a obra de Vergueiro do Metrô em sessões às 21 e 22h30. Bolero, trabalho concebido por Emilie Chamie e coreografado por Lia Robatto.

Dividido em duas partes, com dois elencos se apresentando em espaços distintos, o trabalho dessa primeira montagem do Bolero transcreve por Trythall, inspirado na famosa peça de Ravel, segundo a coreógrafa, resulta do processo que corporifica a dança através da pesquisa de movimento e música, numa experiência que valoriza a técnica e a criatividade. A ideia da montagem surgiu quando, há dois anos, a coreógrafa Emilie Chamie ficou fascinada pela sonoridade da obra e passou a idealizá-la para o Balé da Cidade criando um trabalho inédito sob alguns aspectos. Com a estreia de Bolero, pela primeira vez o Grupo Percussão Agora se apresenta ao público com um espetáculo de dança.

**DANÇA**

Balé Clássico de São Paulo, no São Pedro

Balé da Cidade — Dançando-Bolero, trabalho criado por Emilie Chamie e coreografado por Lia Robatto. A montagem está dividida em duas partes, com dois elencos apresentando-se em espaços diferentes. A primeira parte de Bolero se desenvolve no foyer e a segunda vai para o teatro de Arena, com o corpo de baile interpretando a coreografia do Bolero de Trythall, executado ao vivo pelo grupo Percussão Agora e inspirado na obra de Ravel. Ingressos: Cr\$ 200,00. CENTRO CULTURAL DE SÃO PAULO (r. Vergueiro com av. 23 de Maio). As 21h e 22h30.

**ESPECTÁCULO DE DANÇA** — apresentação do Balé da Cidade com a estreia de "Bolero", trabalho criado por Emilie Chamie e coreografado por Lia Robatto. Dividido em duas partes, com dois elencos se apresentando em espaços distintos, o trabalho dessa primeira montagem do Bolero de Trythall, baseado na famosa obra de Ravel, resulta do processo que corporifica a dança através da pesquisa de movimento e música numa experiência que valoriza técnica e criatividade. O espetáculo conta com a participação do Grupo Percussão Agora. Sábado e domingo, às 21h e 22h30. Ingressos: Cr\$ 200,00 (único). **TEATRO DE ARENA DO CENTRO CULTURAL**, (ao lado da Estação Vergueiro do Metrô). **AVENTURAS, AVENTURAS DE JOÃO CALAIS** — texto e direção de Toninho Macedo. Pelo Grupo Labefe. O trabalho é inspirado na pesquisa de elementos de nosso folclore para mostrar a vida do marujo João Calais, a partir da narrativa de um contador de histórias. Sábado e domingo, às 21 horas. Ingressos: Cr\$ 200,00 e Cr\$ 100,00. **TEATRO ARTHUR AZEVEDO**, Avenida Paes de Barros, 565 — até domingo. **HYBRS** — texto de Maria Isabel Setti e Olair Coan. Direção de A.C. Moreira.

Elenco: Paulo Macedo, Maria Isabel Setti e Olair Coan. Sobre a luta interior de mulheres marginalizadas da sociedade que procuram a reconstrução de sua dignidade. Sábado, às 20h e 22h. Domingo, às 18h e 21h. Ingressos: Cr\$ 400,00 e Cr\$ 200,00. **TEATRO JOÃO CAETANO** — Rua Borges Lagoa, 650 — Vila Mariana. **A IRMÃ MARIA IGNÁCIO EXPLICA TUDO** — texto de Christopher Durang. Direção de Ademair Guerra. Elenco: Ruth Escobar, Regina Braga, Sérgio Ropperto, Bernardo Souza, Patrícia Escobar e o menino Luciano Di Franco. Comédia sobre uma freira presa a preconceitos medievais que encara os últimos vinte anos de sua igreja como um grandioso desastre. Sábado, às 20h30 e 22h30. Domingo, às 19 e 21 horas. Ingressos: Cr\$ 400,00 (único). **TEATRO RUTH ESCOBAR** — (SALA GIL VICENTE), Rua dos Ingleses, 209. **SHOW** — com Paulinho Nogueira e Roberto Riberti, direção de Mirian Muniz. Paulinho interpretará, interpretará composições de Tom Jobim. Vicius de Moraes e Milton Nascimento, entre outras. Roberto Riberti interpreta suas composições, outras de Eduardo Gudin e de Paulinho Nogueira. Hoje às 21 horas. Ingressos: Cr\$ 300,00 (único). **SALA GILOMAR NOVAES**, Almeida Nothman, 1058.

**MÚSICA/SHOW**

**"Bolero" pelo Balé da Cidade de São Paulo**

O Balé da Cidade de São Paulo apresenta neste fim de semana o espetáculo de dança "Bolero", trabalho concebido por Emilie Chamie e coreografado por Lia Robatto. As apresentações serão hoje e amanhã, em sessões às 21 e 22h30, no Centro Cultural de São Paulo, com ingressos ao preço único de Cr\$ 200,00. Dividido em duas partes, com dois elencos se apresentando em espaços distintos, o trabalho dessa primeira montagem do Bolero de Trythall, baseado na famosa obra de Ravel, resulta do processo que corporifica a dança através da pesquisa de movimento e música, numa experiência que valoriza técnica e criatividade. A Secretaria Municipal de Cultura ampara a temporada de "Bolero" que o Balé da Cidade de São Paulo apresenta no Centro Cultural. Com o acréscimo de novas apresentações haverá espetáculos também nos próximos dias 30 e 31 de agosto (feira) com sessões às 21 horas e 22h30, 1.º, 2.º e 3.º, quarta, quinta e sexta-feira em sessões únicas às 21 horas e nos dias 4 e 5, sábado e domingo, com sessões às 21 horas e 22h30.

**DANÇA**

**BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO** — O grupo com coreografia de Lia Robatto apresenta uma montagem do Bolero de Trythall, inspirada na obra de Ravel, e é dividida em duas partes, com dois elencos que se apresentam em espaços distintos. A primeira apresentação será no foyer do Centro Cultural de São Paulo e a segunda no Teatro de Arena do mesmo Centro (ao lado da Estação Vergueiro do Metrô). Hoje, às 21 e 22h30. Ingressos: Cr\$ 200.

## Centro Cultural prorroga a temporada do Balé da Cidade

A Secretaria Municipal de Cultura ampliou a temporada de "Bolero" que o Balé da Cidade de São Paulo apresenta no Centro Cultural. Com o acréscimo de novas apresentações, haverá espetáculos também na próxima segunda-feira (com sessões às 21 horas e 22:30 horas), quarta, quinta e sexta-feira (em sessões únicas às 21 horas), e nos próximo fim de semana, com sessões às 21 e 22:30 horas.

Nesse trabalho concebido por Emilie Chamie e coreografado por Lia Robatto, programaram seis apresentações, que culminaria esta noite, em sessões às 21 e 22:30 horas. O trabalho dessa primeira montagem do bolero de Trythall, baseado na famosa obra de Ravel, é dividido em duas partes, com dois elencos se apresentando em espaços distintos.

Reunindo dos momentos, "Bolero" representa a trajetória até Trythall, uma versão contemporânea da obra de Ravel, célebre pela repetição por 18 vezes de sua única frase melódica, que se desenvolve em progressão sonora ao ritmo dos tambores. Entretanto, não é um espetáculo que conta uma história ou levanta um problema: o tema é o fenômeno da dança, enquanto despertar do próprio corpo impulsionado pela música.

DIÁRIO POPULAR / 29/8/82

**BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO** — O Grupo com coreografia de Lia Robatto apresenta uma montagem do bolero de Trythall, inspirado na obra de Ravel, e é dividido em duas partes, com dois elencos que se apresentam em espaços distintos. A primeira apresentação será no foyer do **Centro Cultural de São Paulo** e a segunda no **Teatro Arena** no mesmo Centro (ao lado da Estação Vergueiro do Metrô). 6.ª, sábado e domingo às 21 e 22h30. Ingressos: Cr\$ 200. Até domingo.

FOLHA DE S. PAULO / 3/9/82

**ESPETÁCULO DE DANÇA** — apresentação do Balé da Cidade, com a estréia de "Bolero", trabalho criado por Emilie Chamie e coreografado por Lia Robatto. Dividido em duas partes, com dois elencos se apresentando em espaços distintos, o trabalho dessa primeira montagem do bolero de Trythall, baseado na famosa obra de Ravel, resulta do processo de corporificar a dança através da pesquisa de movimento e música numa experiência que valoriza técnica e criatividade. O espetáculo conta com a participação do Grupo Percussão Agora. Sábado e domingo, às 21h e 22h30. Ingressos: Cr\$ 200,00 (único). **TEATRO DE ARENA DO CENTRO CULTURAL**, (ao lado da Estação Vergueiro do Metrô).

NOTÍCIAS POPULARES / 29/8/82



Centro Cultural São Paulo

Dias 3, 4 e 5 às 21 e 22,30 hs.

**BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO**  
apresenta

**BOLERO**

Concepção e Direção Geral: Emilie Chamie  
Coreografia: Lia Robatto

Música: Ravel, Schinistine, Cage, Trythall  
executada pelo Grupo "Percussão Agora"  
Ingressos: CR\$ 200

Rua Vergueiro/Estação Vergueiro do Metrô  
Prefeitura do Município de São Paulo  
Prefeito ANTONIO SALIM CURIATI  
Secretaria Municipal de Cultura  
Secretário Mário Chamie

FOLHA DE S. PAULO / 3/9/82

## TEATRO MUNICIPAL (tel. 222-8698) BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO "BOLERO"

Concepção e Direção Geral: Emilie Chamie  
Coreografia: Lia Robatto  
Música: Ravel, Schinistine, Cage, Trythall

"Um dos melhores espetáculos de dança do ano"  
(Manoel Vidal — Jornal da Tarde)

Dias 18, 20, 21 e 22,  
às 21 horas / Dias 19,  
25 e 26, às 19 e 21 hs.

**INGRESSOS:**  
Cr\$ 50 a 200

Prefeitura do Município de São Paulo.  
Prefeito Antônio Salim Curiati  
Secretaria Municipal de Cultura  
Secretário Mário Chamie



A GAZETA / 16/9/82

## O Municipal, novo espaço para Bolero.

Quem não viu Bolero no Centro Cultural tem a chance de vê-lo agora, a partir de amanhã e durante sete dias, no Municipal. Quem já viu e gostou, pode ver de novo, em sua nova concepção ditada pelas condições diferentes dos dois espaços. No Centro Cultural, bailarinos e público se misturavam em seu movimento e contato direto; no Municipal, os limites entre o palco e a platéia são dissolvidos, transformando corredores, frisas e proscênio num único espaço visual, envolvendo o espectador, ainda que fixo em sua cadeira. Serão dez apresentações (com apresentações duplas nos domingos — amanhã e dia 26, às 19h e 21h). Segunda-feira a apresentação é reservada à classe teatral. Nos outros dias o horário é 21h, com ingressos variando de Cr\$ 50,00 a Cr\$ 200,00. Bolero foi concebido especialmente para o Balé da Cidade de São Paulo por Emilie Chamie; a coreografia é de Bia Robatto.

JORNAL DA TARDE / 17/9/82

### BALÉ CIDADE DE SÃO PAULO

— O grupo com coreografia de Lia Robatto apresenta uma montagem do bolero de Trythall, inspirado na obra de Ravel, e é dividido em duas partes, com dois elencos que se apresentam em espaços distintos. **Teatro Municipal. Hoje**, às 19 e 21 horas. Ingressos: Cr\$ 200. Último dia.

FOLHA DE S. PAULO / 19/9/82

## O retorno de “Bolero” no Municipal

Após o enorme sucesso no Centro Cultural, o Balé da Cidade volta a apresentar a mesma montagem de “Bolero” totalmente reestruturado, acrescido de mais bailarinos no elenco. Trabalho concebido especialmente para a companhia por Emilie Chamie — e coreografia de Lia Robatto — terá preços populares de 50 a 200 cruzeiros, nas apresentações de mais uma semana, até o próximo dia 26.

É a composição do “Bolero” de Trythall, composta em 1979, com a de Ravel, de 1928, aliada a “She Is Asleep”, de John Cage, escrita em 1943. Num trabalho que valoriza a técnica e a criatividade, trata o fenômeno da dança como o despertar do corpo, reunindo implicações estéticas à música, ao espaço cênico, à temática e à formação interpretativa do elenco.

Diário Popular / 19/9/82

*Bolero, com  
o Balé  
da Cidade, 21h  
no Municipal.*

Balé da Cidade — Dançando-Bolero, trabalho criado por Emilie Chamie e coreografado por Lia Robatto. A montagem está dividida em duas partes, com dois elencos apresentando-se em espaços diferentes. A primeira parte de Bolero se desenvolve no foyer e a segunda vai para o teatro de Arena, com o corpo de baile interpretando a coreografia do Bolero de Trythall, executado ao vivo pelo grupo Percussão Agora e inspirado na obra de Ravel. Ingressos: Às 21 horas, sessão especial para a classe teatral, dançarinos e alunos de dança. **Teatro MUNICIPAL.**

JORNAL DA TARDE / 20/9/82

# No Municipal, "Bolero" sofre mudanças

HELENA KATZ

O último trabalho do Balé da Cidade de São Paulo, o "Bolero", foi transferido para o palco do Teatro Municipal. Criado originalmente para o espaço do Centro Cultural de São Paulo, ele certamente sofreu mais que uma simples adaptação, já que os dois locais apresentam características muito diferentes de ambientação. Segundo Emilie Chamie, que concebeu este "Bolero", que tem coreografia da ótima Lia Robato, o Centro "propicia uma interação entre público e bailarinos, enquanto o palco italiano do Teatro Municipal solicita a contempção".

Este novo "Bolero", reprojeto para o novo espaço, por suas duas criadoras, ficará em cena até a próxima quarta-feira, em sessões diárias às 21 horas. No fim-de-semana o programa volta, sendo que no domingo acontecerão dois espetáculos: às 19 e às 21 h. Os ingressos, como sempre, a preços mais que populares, com a poltrona a Cr\$ 200,00.

O espetáculo de hoje, porém, reserva uma surpresa para bailarinos e atores. Todos os filiados ao Sindicato dos Artistas e também os alunos de academias de dança terão o ingresso franqueado. (Bastará apresentar a carteirinha comprobatória). A iniciativa é de

Klauss Viana, diretor do Balé da Cidade de São Paulo.

"Distribuímos filipetas, em acordo com o Sindicato, por muitas escolas de dança, convidando a categoria para esta noite. A intenção é transformar isto num hábito, aqui na cidade, e, também, estabelecer um diálogo com todas as pessoas que estão batalhando por aí. Os atores, por exemplo, pouco podem acompanhar o movimento de dança, porque trabalham em horários semelhantes aos bailarinos. E tem tanta coisa acontecendo que seria bom se pudessemos, pelo menos, nos juntarmos para saber uns dos outros".

A outra surpresa é que nesta recriação do "Bolero" já participam todos os 18 bailarinos do recém-fundado Grupo Experimental do Balé da Cidade de São Paulo. O novo elenco, desta vez, dançará integrado. Na montagem do Centro Cultural isto não ocorreu.

Depois deste "Bolero", Klauss Viana anuncia que encenará "A Dama das Camélias", antes da retrospectiva anual, prevista para dezembro. A direção do novo balé será de José Fossi Neto, os cenários caberão a Felipe Crescenti, mas o coreógrafo ainda não está definido. Jennifer Muller, convidada, não dispunha de tempo e, no momento, novos contatos internacionais e locais estão sendo realizados. Mas, independentemente do nome do coreógrafo, o trabalho será mesmo montado, e é com ele que a companhia dançará no Rio de Janeiro, no Teatro Municipal de lá, em novembro.

Tomando-se como referência a excelência do "Bolero" dançado no Centro Cultural — a melhor peça da companhia dos dois últimos anos — surgiu uma conferência no novo projeto. Afinal, a companhia está dançando como há muito não fazia, afiada, coesa. Lia Robato e Emilie Chamie comprovaram uma eficiência irrepreensível na montagem do "Bolero" original.



Lia Robato, coreógrafa do espetáculo

FOLHA DE S. PAULO / 20/9/82

## ESPECTACULOS

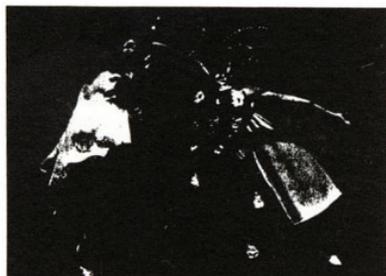


Foto: Valdemar Fialho

Nos movimentos de "Bolero" a embriaguez da emoção e vitalidade

### DANÇA

#### Invenção concentrada

**Bolero**, concepção e direção geral de Emilie Chamie, coreógrafa de Lia Robato. Figuras de Muelo Sola, iluminação de Jacov Miel. Espaço do Balé da Cidade de São Paulo. Teatro Municipal de São Paulo.

■ A montagem estreada pelo Balé da Cidade de São Paulo no Centro Cultural, revista e remontada para adaptar-se ao palco do Teatro Municipal, constitui uma verdadeira provocação à sobriedade e à compostura do espectador. Para traduzir teatralmente a partitura escrita por Ravel — uma intrigante e crescente repetição de dois temas musicais, criando uma tensão quase insuportável — Emilie Chamie concebeu um espetáculo cada vez mais intenso e concentrado.

**Bolero** começa na sala de espera, com uma exposição que conta a história desse balé; prossegue com a intervenção dos bailarinos do grupo experimental do Balé da Cidade, que tratam de tornar viva essa exposição; atinge o seu clima quando o corpo de baile dança, no palco, a leitura de Trythall — exclusivamente para percussão — da música de Ravel. Reduzida a seus componentes mais elementares e brutais, dança e música dão testemunho, nesse momento, da misteriosa e fascinante força física e sensual que os homens algumas vezes são capazes de experimentar.

A coreografia segue a música e a concepção do espetáculo, partindo do difuso e disperso para chegar ao concentrado e nuclear. Aos poucos, grandes grupos cedem lugar a pequenos quartetos,

trios e duplas, até que, por absoluta urgência e necessidade, e preço que toda a energia se concentre numa só bailarina. Abandonando deliberadamente o desejo de ser moderna e vanguardista em sua linguagem coreográfica, Lia Robato faz de **Bolero** seu trabalho mais poderoso: o apelo físico e emocional da obra é admirável.

■ Mas **Bolero** realiza-se em cena porque os bailarinos da companhia são capazes de responder, com talento e competência, aos apelos da criação. E, sobretudo, porque existe no grupo a bailarina Simone Ferro. Técnica perfeita, completo domínio do palco e interpretação arrebatadora permitem a Simone realizar em dança o que Ravel provavelmente pretendia com seu **Bolero**: embriaguez do público de emoção e vitalidade. ■

Rui Fontana Lopez

## "Bolero" ainda em cartaz

A Secretaria Municipal de Cultura, que desde 18/9 vem apresentando no Teatro Municipal o mais recente e elogiado espetáculo de dança do Balé da Cidade de São Paulo, dá prosseguimento a essa nova temporada de "Bolero" até o próximo dia 26, com ingressos a preços populares (50 a 200 cruzeiros).

Criado originalmente para o espaço do Centro Cultural São Paulo, "Bolero", uma concepção de Emilie Chamie, com coreografia de Lia Robato, por sua versatilidade vem agora no Teatro Municipal, estabelecer com o público outro tipo de dinâmica, a partir da arquitetura interior do teatro: os limites entre o palco e a platéia são dissolvidos e, num espaço visual único, corredores, frisas e proscênio são ocupados pelos dançarinos, envolvendo o espectador de forma multilateral e estimulante.

Com a transposição do espetáculo para o Teatro Municipal, o número de bailarinos foi acrescido, de acordo com a concepção ditada pelo novo espaço. O primeiro momento,

"Bolero" de Ravel, é executado por todos os bailarinos do Grupo Experimental; para dançar o "Bolero" de Trythall estão reunidos todos os integrantes da companhia.

Concebido por Emilie Chamie especialmente para o Balé da Cidade de São Paulo, "Bolero" é a primeira montagem coreográfica da composição de Trythall, reunindo, além da obra de Ravel, a música de John Cage, "She is Asleep". É um trabalho que trata o fenômeno da dança enquanto despertar do corpo, reunindo implicações estéticas com a música, o espaço cênico a temática e a formação interpretativa do elenco.

## Centro Cultural

Amanhã e sábado, às 21 horas, e no domingo, às 16 horas, no Teatro de Arena do Centro Cultural São Paulo, mais um show de música popular brasileira com apresentações de Amir Sater. O Centro fica junto a estação Verguetto do Metrô.

Com a participação de Papete (percussão e bateria), Carlião de Souza (viola, violão e vocal), Zé Gomes (violino e rabeca), Capenga (baixo) e Tuca (vocal), Amir Sater interpretará músicas de sua autoria e outras em parceria com muitos compositores. Em seu trabalho, Amir integra o que ele chama de "pagode urbano" com bateria, percussão, viola, flautas e baixo, e o lírico rural, onde se coloca com sentimento caipira. O ingresso custará 300 cruzeiros.

Hoje no mesmo local, às 21 horas, com ingresso a 200 cruzeiros, o show "Sonora Garoa", com o músico e compositor Passoca. Com a participação de Marcelo Mig e Gilmar Jardim (flautas), Geraldo Biazon (violão e viola) e Vânia Bastos (vocal) serão interpretadas 19 músicas, a maioria do próprio Passoca.

METRO NEWS / 23/9/82

## Municipal

Estará sendo apresentado no sábado e domingo às 19 e 21 horas, "Bolero", espetáculo de dança apresentado pelo Balé da Cidade de São Paulo, com ingressos a 50 e 200 cruzeiros. No Teatro Municipal, na praça Ramos de Azevedo, estação República do Metrô.

Criado originalmente para o Centro Cultural "Bolero", uma concepção de Emilie Chamie, com coreografia de Lia Robatto, com a transposição do espetáculo para o Municipal o número de bailarinos foi acrescido, de acordo com a concepção ditada pelo novo espaço.

Hoje, às 21 horas, com entrada franca, o jovem violonista Issamu Shinozaki, de apenas 13 anos, estará se apresentando no Municipal como solista da Orquestra Sinfônica Jovem Municipal, em concerto sob regência de Jamil Maluf.

O pianista Jacques Klein estará se apresentando no Municipal amanhã, às 21 horas e domingo às 10 horas, com ingressos de 50 a 200 cruzeiros. Ele executará concerto em dó maior (K. 467) de Mozart, com a Orquestra Sinfônica Municipal. Há mais de um ano o pianista cearense, de renome internacional, não se apresentava em platéias paulistas. Este e o concerto será comemorativo ao 35º aniversário de Fundação da Faculdade de Comunicação Casper Líbero e o concerto estará sob regência de Isaac Karabitshevski.

Prossegue no cinema do Centro Cultural a primeira parte da mostra "Cinema Brasileiro de 1942 a 1962" com a programação coordenada pela Fundação Cinemateca Brasileira". Nesta parte, hoje, e amanhã, às 19,15 horas, com entrada franca, um filme de Alberto Cavalcanti, cineasta falecido recentemente e autor de importante obra cinematográfica brasileira.

Trata-se do "O Canto e o mar", que traz no elenco Caçilda Lanuza, Aurora Duarte e Ruy Saraiva. O filme inicia-se como documentário que mostra o drama dos nordestinos rumo ao sul (trata-se de um trabalho de 1952), em busca de vida melhor. A história em si gira em torno de uma família carente, com o pai inválido e doente mental, a mãe lavadeira e o filho mais velho como arribo de família. Após vários acontecimentos, o filho parte e o pai, supondo-se abandonado, lança-se ao mar num pequeno bote até alcançar o navio em que julga estar o filho.

No espaço de exposição do Centro Cultural a partir de amanhã, das 12 às 18 horas, a exposição "A flora brasileira". A mesma abriga cerca de 100 originais de ilustradores da vegetação do País - litografias, desenhos aquarelas e entalhes do século XVII a XX e tem também o objetivo de mostrar ao grande público parte do precioso acervo da Seção de Raridades da Biblioteca Mário de Andrade.

## Balé da Cidade —

Dançando-Bolero, trabalho criado por Emilie Chamie e coreografado por Lia Robatto. A montagem está dividida em duas partes, com dois elencos apresentando-se em espaços diferentes. Na segunda parte o corpo de baile interpretando a coreografia do Bolero de Tryhall, executado ao vivo pelo grupo Percussão Agora e inspirado na obra de Ravel. Ingressos: Cr\$ 50,00, Cr\$ 100,00 e Cr\$ 200,00. Às 21 horas. MUNICIPAL.

JORNAL DA TARDE / 28/9/82

## BALÉ CIDADE DE SÃO PAULO

— O grupo com coreografia de Lia Robatto apresenta uma montagem do Bolero de Tryhall, inspirado na obra de Ravel, e é dividida em duas partes, com dois elencos que se apresentam em espaços distintos. Teatro Municipal. Sábado e domingo às 19 e 21 horas. Ingressos: Cr\$ 50,00, Cr\$ 100,00 e Cr\$ 200,00. Às 21 horas. MUNICIPAL.

FOLHA DE S. PAULO / 26/9/82



"Bolero", hoje, amanhã e sexta-feira

## Mais três oportunidades para ver o "Bolero" no Municipal

Noite de domingo, Teatro Municipal, última apresentação do espetáculo "Bolero", pelo Balé da Cidade de São Paulo. As 20h15, já era quase impossível chegar às bilhetarias do teatro. Depois de conseguir passar pela multidão que tomava conta das escadarias do teatro e do hall que antecede a uma das entradas, um descontentamento. Últimas cartazes anunciavam a lotação esgotada. Muitos telefonemas para as bilhetarias e até para a residência de Mário Chamie, secretário da Cultura do Município. Em todas as negociações, o protesto pela falta de ingressos e o pedido para estender a temporada por mais alguns dias.

O secretário Mário Chamie, atendendo a esses chamados, resolveu dar mais três oportunidades para o público paulistano. Assim, "Bolero" volta ao cartaz hoje e amanhã, às 21 horas, e na próxima sexta-feira, às 20h30, abrindo o II Festival Brasileiro de Dança.

"Bolero", concebido e dirigido por Emilie Chamie e coreografado por Lia

Robatto, estreou no último dia 18 e até hoje foi encenado 24 vezes: 14 no Centro Cultural São Paulo, onde fez a primeira apresentação, e dez, no Municipal, agora com todo o elenco, ocupando inusitadas cartazes na parte superior e algumas frisas na inferior.

De preços, assim como nas sessões anteriores, continuaram populares — 50 e 200 cruzeiros — e este poderia ser um dos motivos da afinidade do público, estando a presença de um policial em cada porta do Municipal (os que não conseguiram comprar ingresso e esperavam que o secretário liberasse o acesso a trabalhavam a entrada do público). Mas o fator principal do sucesso, como comprovam todas as críticas publicadas em jornais e revistas, é o próprio espetáculo que, na verdade, não se apegou a uma história ou tema, e sim se preocupa essencialmente com o corpo e o movimento dos bailarinos. Segundo Adolfo R. Vallim Jr., crítico de O Estado, "um exemplo raro do encontro harmonioso entre um conceito de imaginação e intérpretes perfeitos".

O ESTADO DE S. PAULO / 28/9/82

## Prorrogada a apresentação de "Bolero"

Haverá mais três oportunidades para o público assistir "Bolero" no Teatro Municipal: hoje e amanhã, às 21 horas, e no dia 1.º, às 20h30, na abertura do II Festival Brasileiro de Dança, também no Municipal. Desta maneira, a Secretária Municipal de Cultura atenderá ao grande número de espectadores que, por absoluta falta de lugares, deixaram de assistir ao espetáculo de dança, primeiro no Centro Cultural, em seguida no Teatro Municipal, onde estreou no último dia 18. Em

ambos os palcos, o espetáculo provocou um interesse considerado extraordinário por parte do público, tanto que as 14 apresentações no Centro e as 10 no Municipal foram insuficientes para satisfazer o número de espectadores.

"Bolero", uma concepção e criação de Emilie Chamie, com coreografia de Lia Robatto, é dançado pelo Balé da Cidade de São Paulo, o grupo de dança municipal que, segundo a crítica, atravessa sua fase mais criativamente produtiva.

A GAZETA / 28/9/82

JORNAL DA TARDE / 24/9/82

## Balé da Cidade —

Dançando-Bolero, trabalho criado por Emilie Chamie e coreografado por Lia Robatto. A montagem está dividida em duas partes, com dois elencos apresentando-se em espaços diferentes. A primeira parte de Bolero se desenvolve no foyer e a segunda vai para o teatro de Arena, com o corpo de baile interpretando a coreografia do Bolero de Tryhall, executado ao vivo pelo grupo Percussão Agora e inspirado na obra de Ravel. Ingressos: Cr\$ 50,00, Cr\$ 100,00 e Cr\$ 200,00. Hoje, às 21 horas. Teatro MUNICIPAL.

SMC

# PÚBLICO PEDE MAIS APRESENTAÇÕES de BOLERO

O EXTRAORDINÁRIO SUCESSO  
DO BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO

Concepção e Direção Geral: Emilie Chamie  
Música: Ravel, Schinistine, Cage, Trythall  
Coreografia: Lia Robato

Hoje 28 e amanhã 29/09 21h00  
INGRESSOS Cr\$ 50 a 200  
TEATRO MUNICIPAL (tel.: 222.8698)



Prefeitura do Município de São Paulo  
Prefeito ANTÔNIO SALIM CURIATI  
Secretaria Municipal de Cultura  
Secretário Mário Chamie

O ESTADO DE S. PAULO / 28/9/82

# PÚBLICO PEDE MAIS APRESENTAÇÕES de BOLERO

O extraordinário sucesso do Balé da Cidade de São Paulo

Concepção e Direção Geral: Emilie Chamie. Música: Ravel, Schinistine, Cage, Trythall. Coreografia: Lia Robato.  
Hoje 29/09 às 21 hs.  
TEATRO MUNICIPAL  
(tel.: 222-8698)



Prefeitura do Município de São Paulo  
Prefeito Antônio Salim Curiati  
Secretaria Municipal de Cultura  
Secretário Mário Chamie

O ESTADO DE S. PAULO / 29/9/82

## Dança

### BALÉ CIDADE DE SÃO PAULO

— O grupo com coreografia de Lia Robatto apresenta uma montagem do bolero de Trythall, inspirado na obra de Ravel, e é dividido em duas partes, com dois elencos que se apresentam em espaços distintos, no Teatro Municipal. Hoje às 21 horas e 6.ª às 22h30. Ingressos: Cr\$ 50 e Cr\$ 200.

FOLHA DE S. PAULO / 29/9/82

## No II Festival Nacional, o mundo da dança

O II Festival Nacional da Dança começa hoje, reunindo em cinco lugares diferentes grupos de vários Estados e algumas cidades do Interior de São Paulo, além de bailarinos estrangeiros convidados especialmente para o evento. Como no ano passado, a Associação Paulista dos Profissionais da Dança promove o festival e traz algumas novidades para este ano, como uma noite só de jazz, workshops, exibição de filmes e exposição de fotografias de balé.

A abertura oficial do festival acontece às 22h30, com a última encenação em São Paulo do balé "Bolero", concebido e dirigido por Emilie Chamie, coreografado por Lia Robatto e dançado pelo Balé Cidade de São Paulo. Essa montagem já teve mais de 30 sessões, todas com sucesso absoluto de público. Para amanhã e domingo, a presença de um dos grupos mais esperados pelo público paulistano, o Balé do Teatro Castro Alves de Salvador, dirigido por Antonio Carlos Cardoso, que já ocupou esse mesmo cargo no ex-Corpo de Balé do Teatro Municipal de São Paulo. No programa, as seguintes peças: "Bauré", "Ilhas", "Maria Quitéria" e "Bombardeiros de Castro Alves". As sessões começam às 21 horas e as coreografias são de Vitor Navarro, Antonio Carlos Cardoso e Carlos Moran.

O Balé do Teatro Castro Alves, a primeira companhia de dança estatal

de região Norte e Nordeste, e a quinta do País, estreou em agosto do ano passado com algumas das coreografias que o grupo teve para o festival. Sua Fundação Lopes, crítico de O Estado, assistiu ao balé "Maria Quitéria" e, na ocasião, ressaltou: "Maria Quitéria procura e consegue ser uma reflexão sobre as possibilidades e o destino dos ingênuos heróis populares, provocando entusiasmo, emoção e curiosidade no público".

O festival prossegue na segunda-feira, quando aparecerá a primeira estréia internacional: Fernando Rujoiros. O primeiro bailarino do American Ballet Theatre dançará, às 21 horas, dois pes de deus — "Bulle Quatre-Mois" e "Don Quixote" — com a parapeleone Ana Maria Botafogo, no Teatro Municipal. Em seguida, no mesmo local, "Balé Clássico de São Paulo", "Grupo Clássico Negro" e "Balé de Câmara da Cidade de São Paulo".

A partir do dia 5, começam as apresentações em outros teatros — Teatro São Pedro, Centro Cultural São Paulo, São-Fábrica Pompéia e Orlatório do Itaipu — encerrando-se no dia 31. Até o final, já estão confirmadas as presenças dos grupos de Minas Gerais, Paraná e Goiás, além de vários grupos de São Paulo, como o de Campinas (distante no jornal, a programação completa).

Curso, workshops, filmes, vídeos, palestras, mostra de trabalhos de nova dança, exposição de posters, fotos e programas de balé também fazem parte do festival, mas só começam a partir do dia 18, no Centro Cultural São Paulo, onde também serão realizadas algumas palestras, cursos e a performance de mais quatro trabalhos internacionais — John Travla, Nigel Burghome, uma noite só de jazz, no Oratório do Pacembu, às 20 horas, quando serão distribuídos prêmios aos grupos que mais se destacarem.

Naum Alves de Souza, José Possi Neto, Bruno Mascarenhas, Murilo Sola, Isaac Hillie, Talmão Kusano, Maurício Vasconcelos, Felipe Crescenzi, J. C. Vidia, Ivaldo Bertolino, Victoria Lorenzi, Debbie Crowlaid, Sumon Yamaguchi e Thales Pan Chacon foram o grupo de artistas convidados para palestras e cursos, enquanto Heloísa Capovilla, Daniela Bical, Bruno Mascarenhas e Lina Filler responderam pela organização dos eventos. Para isso, os coordenadores, o objetivo do festival é o de oferecer aos profissionais e estudantes de dança a oportunidade de mostrar o resultado de suas pesquisas e criações, propiciando um encontro das novas tendências da dança.



"Bolero", última encenação em São Paulo na abertura do II Festival Nacional da Dança

O ESTADO DE S. PAULO / 1/10/82

## O 2º Festival Brasileiro de Dança instala-se, hoje, no Teatro Municipal

Hoje, às 21 horas, a abertura oficial do 2º Festival Brasileiro de Dança, que será realizado no Teatro Municipal. As 22h30, já se apresenta o primeiro espetáculo: "Boleiro", concepção e criação de Emilie Chamie, com coreografia de Lia Robatto e dançado pelo Balé da Cidade de São Paulo, grupo que, segundo a crítica especializada "atravessa sua fase criativa mais produtiva". O espetáculo que dissolve os limites entre palco e platéia, transforma corredores, frisas e proscênio do Municipal num único espaço visual, e vem de uma série de quatorze apresentações, divididas entre o Centro de Cultura de São Paulo e Teatro Municipal. "Boleiro" continua se apresentando a preços populares que variam de 50 a 200 cruzeiros.

Logo após, nos dias 2 e 3, é a vez do Balé Teatro Castro Alves, morrer, onde ninguém sabe direito, e ser enterrada, ninguém também sabe com certeza. "Carregada de erotismo e sensualidade, 'Ithas' nasceu por minha paixão pela mística homônima de King Crimson", explica o coreógrafo Victor Navarro. A mística tem muito a ver com a impressão que tenho da Bahia, sem deixar de acrescentar a mensagem que sugere. Cada ser humano, por nascer sozinho e assim ser único, é uma ilha. Por isso, às vezes, as pessoas precisam estar sozinhas para fortalecerem seu mundo interior e se conhecerem melhor".

"Sauré", criação de Carlos Moraes, ex-professor e coreógrafo do Corpo de Balé do Rio de Janeiro, é o nome que



Da Bahia vem o Balé Teatro Castro Alves com um espetáculo formado por quatro balés

vem de um canto a Oaxala procurando mostrar o mito da criação numa linguagem e conotação afros.

"Mas, além disso — esclarece Carlos Moraes — utilizei também as influências da minha formação brasileira e de diversas outras civilizações com origens na dança clássica ou moderna, no teatro e na expressão corporal".

Há milênios, os africanos tinham consciência dessa origem da vida e do renascimento. Assim, eram felizes pela forma de vida mais humana que viviam. Com o progresso, a tecnologia tomou a superioridade do homem. E as civilizações que tinham atingido um grau de plenitude, se vêem impedidas no desenvol-

vimento da potencialidade e virtudes humanas. "Sauré" pretende exatamente isso: um chamamento a esta consciência, numa volta às origens.

"Sonhos de Castro Alves" nasceu sobre música de Egberto Giamonti e roteiro de Geraldo Carneiro. Tenta mostrar desejos e lutas deste poeta que, além de abolicionista, lutou pela igualdade social da mulher e por ideais republicanos.

"O espetáculo inspira-se ainda no 'ABC de Castro Alves', de Jorge Amado, obra que me fascinou pelo enfoque humano que o escritor trouxe de seu personagem. E as formas com que as facetas de sua personalidade são mostradas", finaliza Victor Navarro.

### FOLHA DA TARDE / 1/10/82

Boleiro, com o Balé da Cidade de São Paulo, abre o Festival hoje; amanhã e depois é a vez do Balé do Teatro Castro Alves, de Salvador.

## Um mês inteiro de danças na cidade

Com uma programação mais selecionada do que a do ano passado, começa hoje o II Festival Nacional de Dança em São Paulo, com a apresentação do espetáculo Boleiro, no Teatro Municipal, às 23 horas. As atividades do festival, organizado pela Associação Paulista dos Profissionais de Dança (APFD), se estendem até o final do mês de outubro, levando ao público o trabalho de grupos de todo o País, além da participação especial do bailarino Fernando Bujones e de integrantes do London Festival Ballet.

O espetáculo escolhido para a abertura do festival já foi apreciado pelo público em várias ocasiões, sendo um dos mais recentes êxitos do Balé da Cidade de São Paulo. A montagem, inspirada nas diversas versões coreográficas do Boleiro, de Ravel, teve em Lia Robatto a sua criadora. Até poucos dias, o espetáculo não tinha apresentação prevista para esta sexta-feira — cuja noite fora reservada anteriormente para a execução integral de A Criação de Haydn, pela Sinfonia Municipal. À última hora, Boleiro, espetáculo concebido por Emilie Chamie — esposa do secretário municipal de Cultura —, foi determinado para a abertura do festival, provocando alterações no horário do concerto da orquestra, antecipado para as 19 horas.

Amanhã e domingo, às 21 horas, também no Teatro Municipal, o público poderá assistir a duas apresentações do Balé do Teatro Castro Alves, de Salvador, dirigido por Antonio Carlos Cardoso. Esta é a primeira companhia oficial de dança do Nordeste, organizada em 1980 por Antonio Carlos, ex-diretor do antigo Corpo de Balé de São Paulo (hoje, Balé da Cidade). Dentro do festival, o grupo apresentará Sonhos de Castro Alves, coreografia de Victor Navarro, e estréará Sauré, do gaúcho Carlos Mo-

raes. Todas estas apresentações terão ingressos vendidos entre Cr\$ 50,00 e Cr\$ 200,00.

Na segunda-feira, o festival exibirá a sua maior novidade, o bailarino Fernando Bujones, uma das grandes estrelas do American Ballet Theater, que dançará no Teatro Municipal ao lado da bailarina brasileira Ana Maria Botafogo. Juntos, mostrarão um pas-de-deux da suite Quebra-Nozes, de Tchaikovsky, a outro de Dan Quixote, em música de Minkus. Em seguida, o Balé Clássico de São Paulo apresentará mais uma vez a sua montagem de Coppélia, feita por Olga Ferri e Halina Biernecka. Ainda nesta noite, o Balé de Câmara da Cidade de São Paulo apresenta a coreografia Reflexos de Amor, ficando para o grupo de dança Cisne Negro a tarefa de completar este programa variado, com Tempo de Tango.

A partir de terça-feira, a maior parte dos espetáculos do II Festival Nacional de Dança acontecerão no palco do Teatro São Pedro. Exatamente até o último dia do mês, acontecerão apresentações quase que diárias, às 21 horas e, em algumas datas, espetáculos vespertinos a cargo de grupos de porte menor, como o Opera Branca, Grupo 5, Grupo Visão, Grupo Pássaro Livre e Grupo Momentos.

A programação noturna do Teatro São Pedro terá esta de 5 a 8 de outubro, o espetáculo Petruska, coreografado por Célia Gouveia e dirigido por J.C. Violla; dias 9 e 10 de outubro, apresentações do Shama Ballet Teatro, de Campinas, dirigido por Augusto Pompeo; dias 12 e 13, espetáculos do Grupo de Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, dirigido por Morgada da Cunha; dias 15, 16 e 17, montagens do Ballet da Fundação Clóvis Salgado, de Belo Horizonte, dirigido por Carlos Leite; dias 19 e 20, novas apresentações do

Grupo Cisne Negro, de São Paulo, dirigido por Hilda Bittencourt; dias 22, 23 e 24, espetáculos do Ballet da Fundação Guairá, de Porto Alegre, dirigido por C. Trinchelras; dias 26 e 27, novas montagens do Ballet de Câmara da Cidade de São Paulo, sob direção de Ricardo Ordonez; dias 28 e 29, Grupo de Dança Via Letícia, de Goiás, dirigido por Márcio Rongetti; e dias 30 e 31, espetáculos do Grupo de Dança Casa Forte, dirigido por Edson Claro. Para todas estas apresentações, vale o horário das 21 horas.

Enquanto esta programação se desenvolve no Teatro São Pedro, também de 5 a 31 de outubro haverá o I Encontro de Dança Contemporânea no Centro Cultural São Paulo. Esse encontro constitui uma das atividades inovadoras do festival e compreenderá cursos, workshops, filmes, palestras, mostras de trabalhos e exposição de posters e fotografias. Para animar este encontro de dança contemporânea, os organizadores do festival convidaram diversos bailarinos, diretores e coreógrafos, como Ivaldo Bertazzo, J. C. Violla, Suzana Yamauchi, Thalys Pan Chacon, Naum Alves de Souza, José Possi Neto, entre outros.

O SCSB — Fábrica da Pompéia foi outro espaço reservado para o II Festival de Dança. Nele apresentamos o Corpo de Balé Adanae, de Londrina (dia 19, às 21 horas) e o Grupo de Dança Victor Navarro (dia 20, 21 horas). Outra novidade do festival foi o convite feito a elementos do London Festival Ballet, que, no teatro italiano do Centro Cultural, farão treinos e ensaios públicos antes da apresentação do espetáculo Danceaway, composto por várias coreografias. Maiores informações sobre os eventos do Festival Nacional de Dança poderão ser obtidas na própria APPD (telefone 531-1781).

### JORNAL DA TARDE / 1/10/82

# Dança

**BOLERO** — Em sua terceira temporada consecutiva paulista, o elegante espetáculo criado por Emílio Chamie, com coreografia de Lia Robato, inaugura o II Festival Brasileiro de Dança. A concepção do espetáculo aproveita a dinâmica do novo espaço, suplementando o corpo de baile. No primeiro momento interpreta Ravel, com todos os componentes do Grupo Experimental; no segundo, Trythall, com os integrantes da companhia. **Teatro Municipal.** As 22,30 horas. Ingressos variam de 50 e 200 cruzeiros. **BETDISHKA** — Balé em ato único.

*Começa na cidade um mês de dança*



O Balé da Cidade de São Paulo inaugura hoje, às 23 horas, no Teatro Municipal, o 2.º Festival Nacional da Dança, que apresentará, até o próximo dia 31, alguns dos mais importantes grupos do País. Entre os destaques, "Don Quixote" — com Fernando Bujones e a brasileira Ana Maria Botafogo, um grupo do London Festival Ballet e o Balé Teatro Castro Alves — foto: de Salvador Artigo de Helena

PAG. 35

## BASTIDORES

### II Festival Nacional de Dança abre em São Paulo

Destacando-se a apresentação internacional do Grupo London Festival Ballet, integrado ao Conselho Britânico de Cultura Inglesa, no encerramento, dá início ao II Festival Paulista dos Profissionais de Dança, contendo com a participação de vinte companhias de dança distribuídas em seis espaços diferentes. A abertura do encontro ocorre esta noite, às 21 horas, com a apresentação de "Bolero" no Teatro Municipal, pelo Balé Cidade de São Paulo.

Representantes de diversos Estados estarão presentes nesse certame, preenchendo o calendário de outubro no Teatro Municipal, Teatro São Pedro, Centro Cultural, SESC Fábrica Pompéia, Centro Campestre e Ginásio do Ibirapuera, nos espaços cedidos pela Prefeitura paulista. Dentro do II Festival Nacional da Dança — baseado no sucesso da realização de ano passado —, algumas promoções inéditas: I Encontro de Dança Contemporânea, com abertura marcada para a próxima terça-feira, o Grupo de Dança Clássico Negro, e ainda o espetáculo "Cálite", de Victoria Lorrain, no dia seguinte, no mesmo local.



Os organizadores do Balé Teatro Castro Alves na coletiva do Hotel Jaraguá

Ao mesmo tempo, o festival também preme-

rá "Uma Noite de Jazz" no próximo dia 18, às 20 horas, no Ginásio do Ibirapuera. Na ocasião, serão instituídos dois prêmios para os melhores grupos, como ainda há a possibilidade de premiar os melhores trabalhos fotográficos sobre o evento.

DIÁRIO POPULAR / 1/10/82

# São Paulo vai dançar em outubro



Outra atração será "Coppelia", em remontagem de Olga Ferri e Helena Biernacka.

## Bujones, um dos grandes destaques

Dentro da programação do 2.º Festival Nacional da Dança, alguns espetáculos merecem destaque especial. Sendo assim, no dia 4 de outubro, segunda-feira, no Teatro Municipal de São Paulo, a partir das 21 horas, a dança terá cinco grandes momentos. A apresentação, pelo Balé Clássico de São Paulo, de "Coppelia", numa remontagem de Olga Ferri e Helena Biernacka, "Reflexos de Amor", de Rachmaninoff, coreografada por Ricardo Ordonez, pelo Balé de Câmara da Cidade de São Paulo e "Tempo de Tango", com música de Rodolfo Mederos e Astor Piazzolla, apresentada pelo Grupo de Dança Clássico Negro.

Além disso, o público poderá apreciar o excelente bailarino internacional Fernando Bujones que dançará, acompanhado de sua parceira brasileira, Ana Maria Botafogo, "Suite Quebra Nozes", de Tchaicóvsky e "Don Quixote", com música de Minkus. Fernando Bujones, contratado pelo American Ballet Theatre, é considerado pela crítica mundial como um dos maiores bailarinos do mundo. Bujones vem-se apresentando no Brasil desde 1978.

Após cinco anos de ausência, o bailarino volta a se apresentar em São Paulo, no dia 4 de outubro.

### HELENA KATZ

Estimulada pelos resultados do ano passado, a APPD (Associação Paulista dos Profissionais de Dança) volta a promover um Festival Nacional de Dança. Desta vez, porém, suas proporções foram ampliadas. O 2.º Festival começa hoje e dura um mês, e ocupará os seguintes espaços da cidade: Teatro Municipal, Ceca, de Cultural, Sesc Pompéia, Ginásio do Ibirapuera, Centro Campestre do Sesc e teatro São Pedro.

As atividades programadas incluem espetáculos, uma Mostra de Dança Contemporânea e a participação de convidados internacionais. Entre estes destaca-se Fernando Bujones (que dançará com Ana Botafogo) e um grupo de bailarinos do London Festival Ballet.

A abertura do evento ficou a cargo do Balé da Cidade de São Paulo, que mostrará hoje, às 23 horas, o "Bolero", sua última e excelente criação, no Teatro Municipal de São Paulo. A inauguração do Balé da Cidade foi recente. Segundo informações originais, a abertura deste Festival estaria a cargo do Balé Teatro Castro Alves, de Salvador. Com a alteração de última hora, a companhia baiana mantém os seus dias de espetáculo (2 e 3 de outubro), mas deixa de inaugurar o 2.º Festival.

O Balé Teatro Castro Alves, então, dança amanhã e domingo dois programas diferentes. Amanhã teremos "Ilhas" (Victor Navarro/King Crimson), "Maria Quitéria" (Antônio Carlos Cardoso/Antônio Carlos Tavares) e "Sauri" (Carlos Moraes/Emília Biancardi); e no domingo, "Sonhos de Castro Alves" (Victor Navarro/Egberto Gismonti). A companhia foi fundada em 1981 e conta com 24 bailarinos. Quem a dirige é o competente Antônio Carlos Cardoso, o mesmo que transforamou o Balé da Cidade de São Paulo numa das mais importantes do País. Convidada pa-

ra criar a primeira companhia oficial de dança do Norte/Nordeste, Cardoso levou para Salvador a sua linha de trabalho que privilegia o compromisso com a cultura brasileira.

"A passagem por São Paulo faz parte de uma escala em nossa primeira turnê, patrocinada pelo Cotic e pelo Inacen. Acabamos de dançar em Curitiba, onde fomos muito bem recebidos. Todos se surpreenderam com a qualidade artística e cênica de nosso trabalho. Isso é muito importante para nós, porque é indispensável mostrar as realizações fora da cidade onde se vive."

Depois das apresentações em São Paulo, o Balé Teatro Castro Alves segue para Belo Horizonte, Brasília e Rio de Janeiro. Quando regressar a Salvador, encontrará Juan Antonio, bailarino da Louis Falco Dance Company, contratado para um curso de um mês na companhia.

"Entramos em entendimentos com o Consulado Americano, que nos facilitou a vinda de Juan Antonio E. Em seguida, começaremos a preparar a Mostra de Jovens Coreógrafos, que deve estrear em dezembro e já reúne 13 trabalhos inscritos."

O Balé Teatro Castro Alves conta com o patrocínio do Cofic, de outubro, que agrega as indústrias do pólo petroquímico de Camaçari. Trata-se de um exemplo que deve ser cada vez mais estimulado, porque promover cultura é um dos caminhos que mais indústrias deveriam pensar em trilhar.

Depois dos espetáculos da companhia baiana, o mesmo palco do Teatro Municipal será ocupado, no dia 4 de outubro, pelo Balé Clássico de São Paulo, que tem direção de Helena Biernacka. E é justamente nesta noite que Bujones e Botafogo estão escalados para exibirem seu virtuosismo ao público paulista. E quanto às outras atrações, só mesmo acompanhando diariamente o "Acontecer", porque a lista é grande e recheada de novidades.

# O INTERCÂMBIO DA DANÇA

Começa a haver no Brasil um intercâmbio de companhias de dança, sinal de que, apesar da época de crise econômica, o público continua a reagir favoravelmente a dons espetáculos. Enquanto a Escola de Balé do Teatro Castro Alves, de Salvador,

comemora seus 20 anos apresentando na terça-feira como convidados o super-estar Fernando Bujones e a carioca Ana Botafogo, o Balé do Municipal de São Paulo se prepara para fazer temporada no Rio, onde também é esperado, até o fim do ano, o

Balé Stagium, e o Balé do Municipal do Rio irá à capital paulista para mostrar "Coppelia", um de seus maiores sucessos. A companhia carioca e a companhia paulista seguem linhas diferentes de trabalho, mas ambas com resul-

tados positivos. No Rio, o Balé do Municipal, sob a direção de Dalai Achcar, se mantém fiel ao repertório tradicional, apresentando obras como "Coppelia", "Romeu e Julieta", "Quebra-Nozes" e "Dom Quixote". Já o Balé

do Municipal de São Paulo, sob a direção de Klaus Vianna, trata de aborçar um repertório contemporâneo montando obras de coreógrafos nacionais, ainda que às vezes inspirados em temas europeus e românticos, como "A Dama das Camélias"

O GLOBO / 30/9/82

## Balé de São Paulo vem ao Rio mostrar nova orientação

SÃO PAULO (O GLOBO) — O Balé da Cidade de São Paulo, que deverá se apresentar no Rio em dezembro próximo — em datas ainda a serem confirmadas e em intercâmbio com o Balé do Municipal do Rio de Janeiro — espera mostrar aos cariocas dois trabalhos que refletem uma nova postura, adquirida desde que o coreógrafo Klaus Vianna assumiu a direção, em março passado. Serão as coreografias "A Dama das Camélias", de Jose Posti Neto, e o "Bolero", de Lia Robatto, com concepção de Emilie Chamie, mulher do Secretário Municipal da Cultura.

Segundo Vianna e a diretora assistente do Balé da Cidade de São Paulo, Ruth Rachou, esses trabalhos fazem parte de uma linha de pesquisa transmitida aos bailarinos, com proveito de seu antigo apuro técnico. Diz Vianna: — A técnica dos bailarinos já era boa mas, emocionalmente, o grupo estava a meu ver, pouco desenvolvido. A partir de aulas de teatro e dança moderna, fomos reaproximando os bailarinos do povo e da realidade, retirando-os, às vezes, das torres de marfim em que se encontravam. Mais vinculado à realidade de hoje, nasceu no interior do Balé de São Paulo um grupo experimental, que alterna sua participação no palco com os veteranos do antigo corpo de balé. Explica Vianna: — Com o novo trabalho, os bailarinos passam a ser também coreógrafos, como algo natural, dentro de uma abertura para pesquisa.

O Balé de São Paulo, pertencente ao Teatro Municipal, vive dos recursos do próprio teatro e do apoio financeiro da Secretaria Municipal de Cultura, sem dotações de atividades privadas.

— Mas conseguimos manter uma infra-estrutura que permite o desenvolvimento de nosso trabalho — diz Vianna. Além disso, dizem Vianna e Ruth Rachou, há planos enriquecedores para os integrantes do balé, como o de uma possível temporada da coreógrafa americana Jennifer Muller, no próximo ano, a fim de elaborar uma coreografia para o grupo. Ou de aproveitar a experiência do grupo Andrubal Trouxe o Trombone, para a criação de um musical contemporâneo.

É a primeira vez que se realiza um intercâmbio entre os bales de São Paulo e do Rio, além das apresentações esporádicas nas diferentes capitais. Diz Ruth Rachou: — Com o intercâmbio, teremos possibilidade de atualizar nossa visão do Balé do Rio de Janeiro.

E o balé do Rio poderá beneficiar-se de um dado novo no mundo da dança em São Paulo, segundo Ruth Rachou: — De um tempo para cá, percebo um novo público para as apresentações de dança em São Paulo. Trata-se de um público jovem, formado principalmente por estudantes que, com seu interesse, ajudam a dança em São Paulo a resolver um de seus principais problemas, justamente a falta de público.

## FESTIVAL NACIONAL DE DANÇA NO MUNICIPAL

Apresentando "Bolero", grande êxito de crítica e de público, o Balé da Cidade de São Paulo abre hoje, no Teatro Municipal, o II Festival Nacional da Dança, uma promoção da Secretaria Municipal de Cultura e da APPD, a Associação Paulista dos Profissionais de Dança. Com o Balé da Cidade de São Paulo e outros grupos da Bahia, Minas Gerais, Paraná, Goiás, Rio de Janeiro e até artistas estrangeiros do London Festival Ballet, o Festival se estenderá até o final de outubro em palcos diversificados: no Teatro Municipal, no Centro Cultural São Paulo, no Teatro São Pedro e no SESC Pompéia. Haverá também programações paralelas, como o I Encontro de Dança Contemporânea, cursos, workshops, palestras, exposições de fotos.

"O Bolero", que será apresentado sexta-feira às 22h30 (com ingressos de 50 a 200 cruzeiros), é uma criação de Emilie Chamie, que também o dirige, com coreografia de Lia Robatto. Apresentado inicialmente no Centro Cultural, para onde atraiu um extraordinário fluxo de público, foi em seguida transferido para o Teatro Municipal, e novamente o êxito repetiu-se. O sucesso foi tão marcante que dez apresentações não foram suficientes para atender o número de espectadores que, por cartas e telefonemas à Secretaria Municipal de Cultura, chegaram a exigir apresentações suplementares nos dias 28 e 29. O novo espetáculo, inaugurando o II Festival Nacional de Dança, é, assim, mais uma oportunidade que se oferece ao público de assistir ao que a crítica considerou uma das mais belas e originais manifestações de dança já montadas em palcos de São Paulo. Inspirado nas muitas e históricas coreografias elaboradas para o "Bolero" de Ravêl, e aproveitando a versão musical de Trythall para a mesma composição, "Bolero" utiliza cenas e espaços múltiplos, a que o público se integra física e emocionalmente. A crítica também destacou a grande oportunidade que "Bolero" dá ao Balé da Cidade de São Paulo que, com ele, parte para a sua fase mais generosamente criativa.

O II Festival Nacional de Dança apresentará ainda, no Teatro Municipal, três companhias: nos dias 2 e 3, às 21 horas, o Balé do Teatro Castro Alves, de Salvador, sob direção de Antonio Carlos Cardoso, e, no dia 4, no mesmo horário, o Balé Clássico de São Paulo, sob direção de Alina Biernacka; o grupo de dança Cisne Negro, dirigido por Hilda Bittencourt; e o Balé de Câmara de São Paulo, sob direção de Ricardo Ordenez. A APPD anuncia que, no Balé de Halina Biernacka, serão apresentados dois convidados especiais: os bailarinos Fernando Bujones e Ana Maria Botafogo. Os ingressos para as programações diárias variam de 100 a 800 cruzeiros.

A GAZETA ESPORIVA / 11/10/82

O GLOBO / 30/9/82

O BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO

# BOLERO

MARCO DA DANÇA BRASILEIRA CONSAGRADO PELA CRÍTICA

criação e direção geral: EMILIE CHAMIE  
MÚSICA: RAVEL, CAGE E TRYTHALL  
COREOGRAFIA: LIA ROBATO

TEATRO MUNICIPAL  
RIO DE JANEIRO  
TELEFONE 262-6322

DIA 3 DE NOVEMBRO ÀS 21:00 HS.  
DIA 4 DE NOVEMBRO ÀS 18:30 E 21:00 HS.  
INGRESSOS DE CR\$ 100 A CR\$ 3.000



Prefeitura do Município de São Paulo  
Prefeito ANTONIO SALIM CURIATI  
Secretaria Municipal de Cultura  
Secretário Miro Chamie

Apoio  
Governador Erisildo do Rio de Janeiro  
Secretaria de Estado de Educação e Cultura  
Prefeitura do Município do Rio de Janeiro

JORNAL DO BRASIL / 29/10/82

**C**OMO explicam os criadores, **Bolero** é uma antologia, o espetáculo é uma viagem a todos os principais momentos da música de Ravel, desde a sua criação em 1928 para Ida Rubinstein: As grandes performances do **Bolero** são lembradas até Maurice Bejart, na segunda parte do espetáculo, quando os 28 bailarinos dançam a percussão criada por Richard Trythall, o que chamam de "alegria tribal". O clímax do solo feminino, a sensualidade e a excitação foram inspirados nos movimentos da bailarina Sonia Motta.

A iluminação é de Iacov Hillel, os músicos são os do grupo Percussão Agora, Elizabeth Del Grande, John E. Boudler, José Carlos da Silva e Mário Frungillo. Trilha sonora de Flavia Calabi, figurino de Murilo Sola. Preços populares: Cr\$ 500 (poltronas e balcão nobre), Cr\$ 300 (balcão simples), Cr\$ 100 (galerias) e Cr\$ 3 mil (frisas e camarotes), às 21h.

JORNAL DO BRASIL / 2/11/82

## No Municipal, um 'Bolero' em versão renovadora

O intercâmbio das companhias do Municipal do Rio e do Municipal de São Paulo, anunciado há vários meses, concretiza-se enfim. Nos dias 3 e 4, às 21 horas, o Balé da Cidade de São Paulo se apresenta no Municipal do Rio, com a mais recente novidade de seu repertório: "Bolero". Por seu lado, o Balé do Municipal carioca leva a São Paulo um de seus maiores sucessos: "Coppélia", com espetáculos nos dias 5 e 6.

O Balé da Cidade de São Paulo anda em fase inovadora sob a direção de Klaus Viana, que inclusive mudou o nome da companhia, antes chamada Balé do Teatro Municipal. A primeira providência foi de caráter administrativo: Klaus exigiu contrato para boa parte dos bailarinos que ainda continuavam a receber apenas por apresentação. Em seguida, embora o grupo já estivesse vinculado à dança moderna, insistiu nesse tipo de aula, aliada a vários cursos de expressão corporal. E, para dar mais vida ao repertório, chamou Lia Robato que criou "Bolero" segundo concepção de Emilie Chamie.

"Bolero" tem música de Ravel reorquestrada para percussão por Richard Trythall. Como numa aldeia primitiva, a dança se faz em tempo de festa tribal, uma explosão de emoções, cores e luzes. Os cenários são de Emilie Chamie, figurinos de Murilo Sola e iluminação de Iacov Hillel. No elenco estão: Sonia Motta, Simone Ferro, Julia Ziviani, Lilla Shaw, Beatriz Cardoso, Regina Restelli, Patricia Galvão, Nelly Guedes, Paula do Valle, Luciana Malluf, Mário Enio Jarry, Alberto Cidra, Sérgio Botelho, Marcos Verrani, Tony Calado, Raymundo Costa, Caca da Boa Morte, Lella Sánchez, Monica Mion, Aurea Ferreira, Nadia Lobo, Bete Arencue, Ana Luísa

Seelaender, Solange Caldeira, Ana Verônica, Franco Moran, Paulo Rodrigues, Antonio de Almeida, Ismael Ivo, Daniela Siasi, Mariana Muniz, Fernando Lee, Cica Tevelis, Vivien Buckup, José Carlos Nunes, Susana Yamauchi, Eduardo Costilhes, Sílvia Bittencourt, João Maurício, Mara Borba, Dolores Fernandes, Maria José Crescenti, Marina Helou, Ricardo Viviani, Luiz Vasconcelos e Hugo Traversa.

Bem recebido pelos críticos paulistas, "Bolero" foi levado durante 14 dias em sua temporada de estreia, marcando um recorde de audiência no Teatro Municipal. Embora seja muito difícil — e talvez mesmo impossível — suplantir o "Bolero" de Maurice Bejart, Lia Robato tratou de escapar o mais possível da influência do coreógrafo do Balé do Século XX. Mais do que a sensualidade que brota de cada compasso da música de Ravel, ela procurou sublinhar a alegria dos corpos em movimento.

Assim, a dança se faz como um jogo cujo crescendo quase incita o público a subir no palco para se integrar ao espetáculo. E, neste sentido, a coreografia de Lia Robato segue a risca o projeto de Klaus Viana, que encara a dança como um estimulante meio de comunicação e de participação.

Os cenários prazerosos pela simplicidade e os figurinos obedecem à mesma linha: apenas tunicas e malhas multicoloridas cobrem os bailarinos de pés descalços. A primeira parte da coreografia foi montada segundo movimentos de Sonia Motta, figura em destaque numa companhia que se propõe a não ter estrias, mas que não pode deixar de valorizar os elementos de técnica mais forte. Segundo críticos paulistas, "Bolero" agrada do primeiro ao último passo.

O GLOBO / 1/11/82

**BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO** — Programa: **Bolero**, concepção e direção de Emilie Chamie e coreografia de Lia Robato. Direção artística de Klaus Viana. **Teatro Municipal**, Pça. Mal. Floriano. Hoje, às 18h30min e 21h. Ingressos a Cr\$ 500, platéia e balcão nobre, a Cr\$ 300, balcão simples, a Cr\$ 100, galeria e a Cr\$ 3 mil, camarote e frisa.

JORNAL DO BRASIL / 4/11/82

## BOLERO: CONSAGRAÇÃO DE PÚBLICO E DE CRÍTICA

O Balé da Cidade de São Paulo apresentou o inovador espetáculo de dança **Bolero**, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, nos dias 3 e 4 deste mês. Consagrado pelo público, esta é a opinião dos críticos a respeito:

"Uma beleza de trabalho, que transborda vitalidade e energia (...) tanto para o Balé da Cidade de São Paulo quanto para a dança brasileira". Helena Katz (*Folha de São Paulo*, 7/09/82).

"**Bolero**: fascínio e simplicidade. Uma lição de simplicidade — uma concepção clara, uma coreografia luminosa em sua economia, interpretações seguras". Marília Pacheco Fiorillo (*Revista Isto É*, 8/09/82).

"Emilie Chamie concebeu um espetáculo cada vez mais intenso e concentrado. Lia Robatto faz de **Bolero** seu trabalho mais poderoso. O apelo físico e emocional da obra é admirável! Técnica perfeita, completo domínio do palco". Rui Fontana Lopez (*Revista Visão*, 15/09/82).

"Com entradas dramáticas, surgindo de vários lugares, os bailarinos se colocam em cena até formar uma grande massa pulsante. O final é caleidoscópico e os bailarinos explodem com uma energia insuspeitada". João Cândido Galvão (*Revista Veja*, 22/09/82).

"O espetáculo responde pelos mais explosivos aplausos que vi nossa principal companhia de dança receber este ano. **Bolero**, uma criativa transfusão de adrenalina". Manoel Vidal (*Jornal da Tarde*, 3/09/82).

"**Bolero** é um exemplo raro do encontro harmonioso entre um coreógrafo de imaginação e intérpretes perfeitos". Acácio R. Vallin Jr. (*O Estado de São Paulo*, 1/09/82).

Obs.: A senhora Suzana Braga em comentário publicado no *Jornal do Brasil*, dia 5/11/82, declarou: "a meia casa de público, (...) aplaudiu até demais, e entusiasmadamente. Dessa meia casa, (...) a metade era paulista".

Agradecemos a calorosa acolhida do enorme público carioca, presente, às apresentações de **Bolero**, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Balé da Cidade de São Paulo  
Departamento de Teatros SMC

JORNAL DO BRASIL / 8/11/82

● O Balé da Cidade de São Paulo iniciou o intercâmbio artístico entre as Secretarias de Cultura do Rio e São Paulo. Nos dias 3 e 4, enquanto o grupo apresentava o espetáculo **Bolero**, no Teatro Municipal do Rio, o Corpo de Baile do Rio de Janeiro apresentava **Copélia** no Teatro Municipal de São Paulo. Para janeiro, o grupo paulista prepara a estréia do balé **A Dama das Camélias**, sob a direção artística de Klaus Viana.

FATOS E FOTOS / 18/11/82

A Associação Paulista de Críticos de Arte, na secção de Dança, outorgou os seguintes prêmios para **Bolero**:

Melhor Espetáculo de 1982 (concepção de Emilie Chamie)

Melhor Coreografia de 1982 (Lia Robatto)

Melhor Bailarina (Simone Ferro)

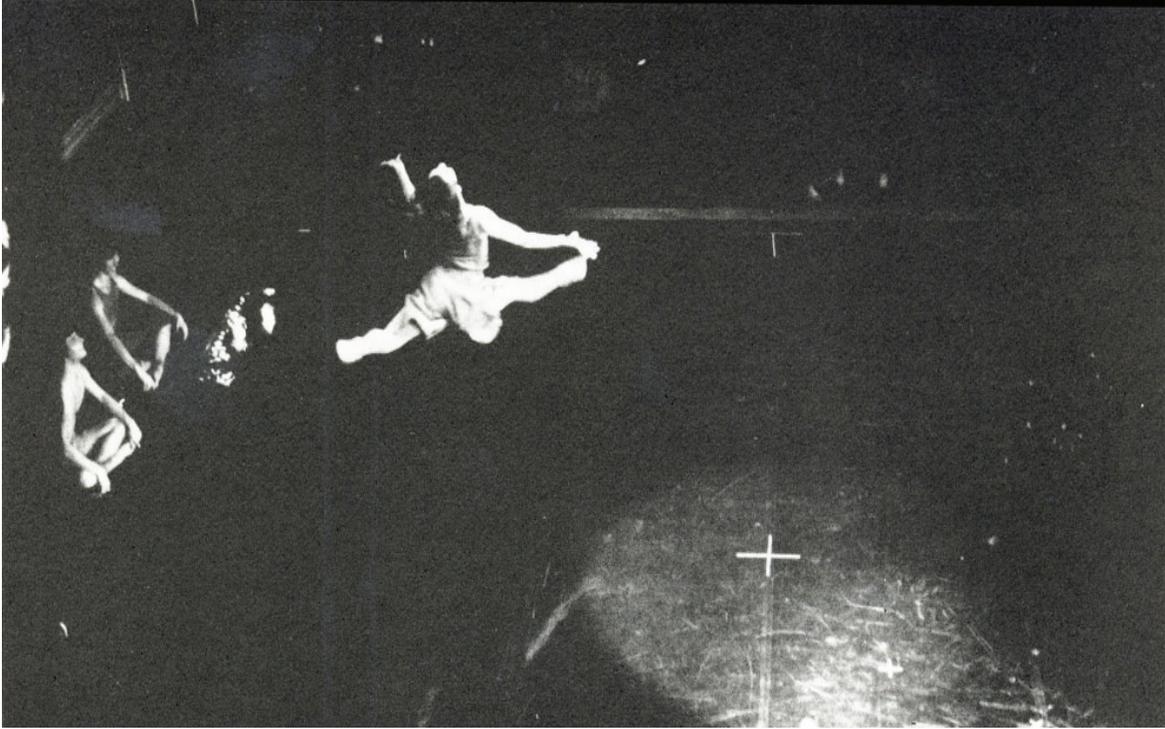
*Sonia Mota e Simone Ferro. Teatro Municipal.*



*Teatro Municipal*



*Simone Ferro. Teatro de Arena, Centro Cultural.*



*Raimundo Costa. Teatro de Arena, Centro Cultural.*



*Hugo Travers. Teatro de Arena, Centro Cultural.*



*Grupo Experimental. Teatro de Arena, Centro Cultural.*

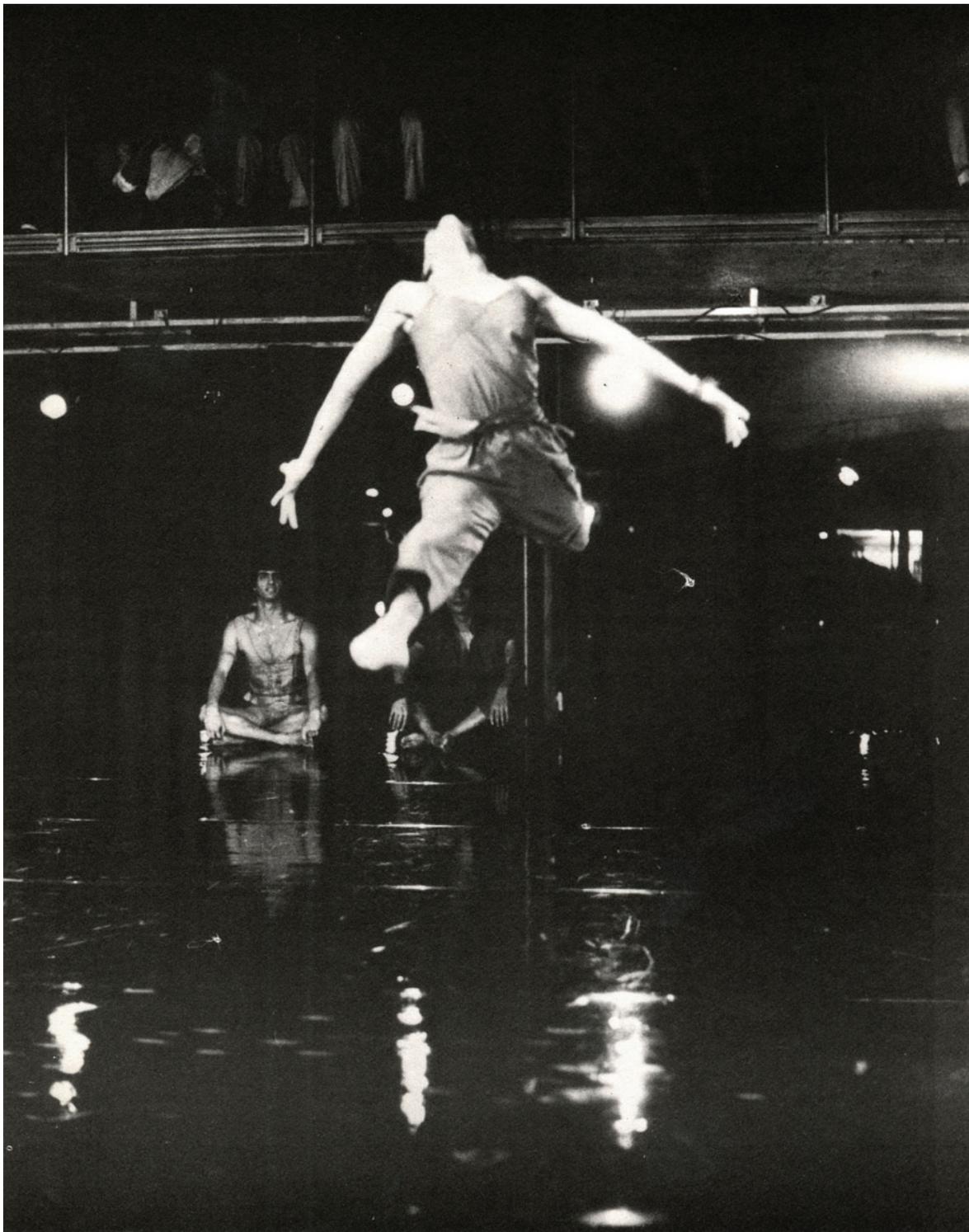




Simone Ferro. Teatro de Arena, Centro Cultural









*Centro Cultural São Paulo*

Centro Cultural São Paulo / Ricardo Ohtake  
Divisão de Artes Cênicas (Seção de Auditórios) / Cacá Sgreccia

Pesquisa e Texto / Linneu Dias, Vera Carneiro, Dorothea Kerr  
Fotos / Mário Castello, Joel La Laina Sene, Fábio Michel, Maria Edna  
Santana da Costa, Gerson Zanini  
Levantamento para Publicação / Luiz Antonio Nascimento

Editoria Gráfica / Fernando Lemos  
Coordenação / Arlenice Juliani de Oliveira  
Composição / Marco Antonio Mancini e Harumi Hiroshima  
Revisão / Maria Cristina Frota, Maria do Carmo Rachid, Sonia Marisa de  
Faria  
Impressão e Acabamento / Laboratório Gráfico do Centro Cultural São Paulo

Tiragem / 1500 exemplares  
Edição / 1982



*Centro Cultural São Paulo*

---

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO  
Prefeito Antonio SALim Curiati

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA  
Secretário Mário Chamie

Rua Vergueiro  
Metrô / Vergueiro e Paraíso

---